



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

USOS DE *PRONTO* E (EM)*BORA* EM CONVERSAS INFORMAIS: UM
ESTUDO DESCRITIVO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Aymmée Silveira Santos

Campina Grande – PB

2013

Aymmée Silveira Santos

USOS DE *PRONTO* E *(EM)BORA* EM CONVERSAS INFORMAIS: UM
ESTUDO DESCRITIVO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao
Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade
Federal de Campina Grande, como requisito para a
obtenção do título de Graduada em Letras – Língua
e Literatura Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Auxiliadora Bezerra

Campina Grande – PB

2013

FOLHA DE APROVAÇÃO

Banca Examinadora



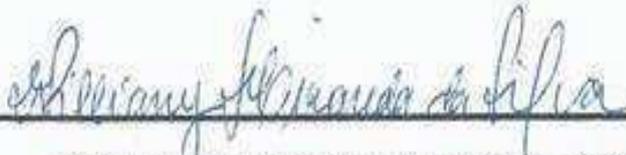
Prof. Dr.ª Maria Auxiliadora Bezerra – UFCG/PB

(Orientadora)



Prof. Dr. Aloísio de Medeiros Dantas – UFCG/PB

(Examinador)



Prof. Dr. Williany Miranda da Silva – UFCG/PB

(Examinadora)

Conhecer a história da língua, a tradição gramatical, a riqueza do nosso vocabulário, a beleza da nossa literatura oral e escrita, o potencial da nossa linguagem – tudo isso é muito bom, é precioso e deve ser cultivado. Só não podemos admitir que alguém transforme tudo isso numa arma, num arame farpado, numa cerca eletrificada ou em qualquer outro tipo de instrumento de exclusão social.

(Marcos Bagno)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, por sempre me fazerem reconhecer a importância da Educação, por todo o amor e carinho a mim dados e por sempre acreditarem que sou capaz de dar enfrentamento a todos os problemas que surgirem.

Às minhas irmãs, minhas companheiras de todas as horas.

Ao meu namorado, por todo o carinho e incentivo dados.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me acompanhar e me abençoar em todos os momentos.

Aos meus pais, por me proporcionarem uma boa educação.

À minha orientadora, Maria Auxiliadora Bezerra, por sempre estar à disposição durante a elaboração desta pesquisa, de maneira paciente e dedicada.

Aos professores Aloísio de Medeiros Dantas e Williany Miranda da Silva, pela aceitação em fazerem parte da banca examinadora.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação acadêmica.

A todos os meus familiares, colegas e amigos que contribuíram sendo *sujeitos* desta pesquisa.

RESUMO

Os falantes de toda e qualquer língua utilizam estratégias variadas para garantir eficiência e eficácia em seu processo comunicacional. Dentre essas estratégias, há o uso de certas palavras em contextos linguísticos que não são os seus de origem, favorecendo uma mudança linguística. São os chamados fenômenos de lexicalização e de gramaticalização. Esse último, foco de nossa pesquisa, transforma itens lexicais em instrumentos gramaticais. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo estudar o processo de gramaticalização dos itens linguísticos *pronto* e *(em)bora*, muito recorrentes no falar dos paraibanos. Para tanto, foram feitas gravações em áudio de conversas informais entre 25 (vinte e cinco) pessoas de gênero, de nível de escolaridade e de faixa etária diferentes. As transcrições dos dados obtidos seguiram as convenções propostas pela Análise da Conversação e pela Fonética. O trabalho se fundamenta em estudos da Linguística Funcionalista, sobretudo nas contribuições teóricas de Givón (1979; 2012), Martelotta (2011) e Castilho (2010), dentre outros estudiosos da área. Os resultados obtidos nos evidenciaram que os itens linguísticos estudados estão sendo utilizados com sentidos diversos, ocasionando mudança de classe gramatical, e que a entonação com que são pronunciados também contribui para identificação de seus sentidos. Além disso, constatamos que todos os sujeitos da pesquisa estão utilizando os itens *pronto* e *bora*, independentemente de fatores como nível de escolaridade, faixa etária e gênero.

PALAVRAS-CHAVE: ITENS LINGUÍSTICOS. USOS E SENTIDOS. GRAMATICALIZAÇÃO.

ABSTRACT

The speakers of each and every language, use many strategies to ensure efficiency and effectiveness in its communication process. Among these strategies, there is the use of certain words in linguistic contexts which are not in accordance to their origin, it favors the language change. These changes are the so called phenomena of lexicalization and grammaticalization. The latter, the focus of our research, transforms the lexical items into grammatical instruments. In this direction, this work aims at studying the process of grammaticalization of the Brazilian linguistic items *pronto* and *(em)bora*, very recurring in the speech of the Paraíba's – a Brazilian state – people. For that, audio recordings were made from some informal conversations among 25 (twenty-five) people of different gender, education levels and ages. The transcriptions of the data followed conventions proposed by the Conversation Analysis and Phonetics. This study is grounded on the studies of Functionalist Linguistics, and based on the theoretical contributions of Givón (1979, 2012), Martelotta (2011) and Castilho (2010), among other researchers on the topic. Current outcomes suggest us that the linguistic items analyzed are being used with different meanings, causing change of the grammatical class, and that the intonation in which they are pronounced contributes to identify each meaning. In addition, we found that the people in this research are using the items *pronto* and *bora* independently of any concerning factors, such as education level, age and gender.

KEY WORDS: LINGUISTIC ITEMS. USES AND MEANINGS. GRAMMATICALIZATION.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. METODOLOGIA.....	12
1.1. Natureza e tipo de pesquisa.....	12
1.2. Sujeitos da pesquisa.....	12
1.3. Técnicas de coleta de dados.....	13
2. GRAMATICALIZAÇÃO E LEXICALIZAÇÃO NA LINGUÍSTICA FUNCTIONALISTA	16
2.1. Gramaticalização.....	16
2.1.1. Princípio de unidirecionalidade: mecanismos e motivações para a gramaticalização.....	21
2.2. Lexicalização.....	26
2.3. Aspectos linguístico-funcionalistas em unidades linguísticas.....	28
2.3.1. O item linguístico (em) <i>bora</i>	31
2.3.2. O item linguístico <i>pronto</i>	32
3. MUDANÇAS DE SENTIDO NOS USOS DO <i>PRONTO</i> E <i>BORA</i>	35
3.1. Usos e sentidos do item <i>pronto</i>	35
3.2. Usos e sentidos do item (em) <i>bora</i>	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	58
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	60

INTRODUÇÃO

A língua não é estática e é, mais especificamente, através da fala que ela se encontra em maior atividade, podendo possibilitar ao falante criar novas expressões ou adotar novos sentidos para expressões já existentes, com vistas a tornar mais eficiente e eficaz o processo comunicacional. Dentre os processos de mudança linguística que contribuem para a eficiência da comunicação entre os falantes, há o fenômeno denominado de gramaticalização, em que palavras de valor lexical, que representam ações do mundo, se tornam instrumentos gramaticais, adquirindo novas funções ou sentidos no discurso.

Atualmente, os falantes da língua portuguesa, especificamente, originários e habitantes da região de Campina Grande, na Paraíba, estão utilizando dois itens linguísticos, o *pronto* e o *(em)bora*, com o objetivo de expressar sentidos diversos, que à primeira vista nos parecem estar passando por um processo de gramaticalização e podem estar sendo utilizados independentemente de fatores biossociais desses falantes, quais sejam a faixa etária e o nível de escolaridade.

Nessa perspectiva, o presente trabalho apresenta um estudo de gramaticalização dos itens linguísticos *pronto* e *(em)bora*, visando responder aos seguintes questionamentos: que sentidos podem ser atribuídos aos itens linguísticos *pronto* e *(em)bora*, presentes em conversas informais de falantes do português brasileiro?; os fatores biossociais "faixa etária" e "nível de escolaridade" contribuem para o uso frequente desses itens em contextos de conversas? A hipótese inicial é a de que esses itens linguísticos estão sendo usados com frequência pelos falantes, independentemente de faixas etárias e níveis de escolaridade.

Com base nesses questionamentos, este trabalho tem como objetivo geral analisar o processo de gramaticalização dos itens linguísticos *pronto* e *(em)bora* nos seus diferentes usos em conversas informais. E os objetivos específicos são descrever os diferentes sentidos que podem ser atribuídos a esses itens e verificar se as diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade de usuários da língua portuguesa determinam a frequência de uso desses itens linguísticos e, em caso afirmativo, em que contextos.

A escolha deste estudo se justifica, em primeiro lugar, porque não se pode estudar apenas o que está estabelecido como “correto”, como defendem os gramáticos tradicionais, já que estudos sobre mudanças linguísticas mostraram e vêm mostrando que usos da língua portuguesa, antes tratados como “incorretos”, aos poucos foram se incorporando ao sistema linguístico e, conseqüentemente, passando a ser considerados “corretos”. Além disso, usos cotidianos recentes dos itens linguísticos selecionados apontam para sentidos variados, que futuramente podem ser incorporados ao sistema linguístico, e por fim, constatamos a carência de estudos mais recentes sobre os novos usos desses itens, o que nos fez despertar ainda mais o interesse em abordar esse assunto neste trabalho.

O trabalho em questão organiza-se em quatro tópicos, além desta introdução. No primeiro, é apresentada a metodologia, que, conforme será visto a seguir, consta de uma descrição a respeito do tipo e dos informantes da pesquisa e de quais as técnicas utilizadas para a coleta dos dados analisados. No tópico seguinte, é apresentada a fundamentação teórica, que se constitui de algumas discussões já existentes feitas por estudiosos a respeito das teorias utilizadas na pesquisa. Após isso, nos tópicos relacionados à análise dos dados, os dados coletados são descritos e interpretados. E, ao final, são apresentadas algumas considerações a respeito dos resultados obtidos na pesquisa.

1. METODOLOGIA

1.1. Natureza e tipo de pesquisa

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, na medida em que, segundo Santaella (2001, p.145), visa interpretar “unidades de sentido”, ressaltando “as significações que estão contidas nos atos e práticas”, nesse caso, no ato da fala. Assim, os itens *pronto* e *bora* foram analisados em conversas informais, concordando-se com a afirmação de que “a realidade social é vista como construção e atribuição social de significados”, (FLICK, VON KARDORFF E STEINKE, 2000, *apud* GÜNTHER, 2006, p. 202).

Com relação ao tipo de pesquisa, é de caráter descritivo-interpretativista, tendo em vista que não se limitou apenas a descrever, mas também, buscou interpretar os dados observados e registrados, levando em consideração os processos e mecanismos de gramaticalização utilizados no ato da fala em diversos contextos.

1.2. Informantes da pesquisa

Os informantes da pesquisa foram 09 (nove) homens e 16 (dezesesseis) mulheres, com faixa etária variando entre 14 a 45 anos, num total de 25 pessoas, cujo nível de escolaridade compreendeu a educação básica (ensino fundamental e médio) e a educação superior (graduação). Para uma melhor visualização do perfil desses informantes, vejamos os quadros 01 e 02, abaixo:

Quadro 01- Descrição dos informantes da pesquisa quanto ao grau de escolaridade

Grau de escolaridade	Gênero	
	Masculino	Feminino
Ensino Fundamental	02	05
Ensino Médio	01	03
Ensino Superior	06	08
Total	25	

Quadro 02- Descrição dos informantes da pesquisa quanto à faixa etária

Gênero	Faixa etária		
	14-23	24-35	36-45
Masculino	02	06	01
Feminino	11	03	02
Total	25		

Embora tenham sido feitas gravações de conversas envolvendo um total de 25 informantes, apenas 12 deles (os sujeitos 01, 04, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 16, 18, 21 e 22) empregaram em seus turnos os itens analisados (*pronto e bora*). Os demais informantes contribuíram para o fluxo dos diálogos, tendo em vista que colaboraram para a construção dos diversos sentidos dos itens linguísticos em questão e nos possibilitaram verificar se todos os sentidos em que esses itens foram utilizados causaram ou não estranhamento por parte dos demais participantes das conversas informais.

Apesar de ser relativamente pequena, essa quantidade de informantes possibilitou resultados satisfatórios, tendo em vista que os itens linguísticos *pronto e bora* estão sendo muito comumente utilizados na comunidade de fala. Além disso, baseando-nos em pesquisas feitas por Labov (2008), podemos afirmar que esse tipo de variação inerente à fala não exige grande quantidade de registros de falantes, distanciando do que os linguistas tradicionalmente acreditavam, e dessa forma, sendo possível comprovarmos resultados a partir de amostras com 25 falantes.

1.3. Técnicas de coleta de dados

Os dados foram coletados através da gravação em áudio de conversas informais, independentemente dos ambientes em que se encontravam os informantes da pesquisa, durante os meses de abril a julho de 2013, perfazendo um total de quatro horas, cinquenta e dois minutos e três segundos de gravação. Em seguida, foram feitas as transcrições das falas obtidas, seguindo as convenções de transcrição propostas pela teoria da Análise da Conversação, conforme podem ser vistas no quadro 03, abaixo:

Quadro 03- Descrição dos símbolos utilizados nas transcrições à luz da Análise da Conversação

Símbolos	Significados
I01	Sigla que indica o sujeito, nesse exemplo, representando o <i>informante 01</i>
...	Indicam pausas
Uso de letras maiúsculas	Representa ênfases dadas pelos sujeitos em algumas palavras
: :: :::	Representam o alongamento das vogais
(ininteligível)	Indica algo que não foi compreendido no momento da transcrição das falas
/	Indica truncamento de palavras
(())	Representam um comentário do transcritor
[Indica superposição de vozes
[[Indicam simultaneidade de vozes

Observação: Esse quadro foi elaborado com base no modelo apresentado por Dionisio (2001).

Em relação aos dados linguísticos ligados ao objeto de pesquisa, especificamente, os itens *pronto* e *bora* e marcadores linguísticos que tiveram função de auxiliares desses itens, as transcrições foram feitas com base no Quadro Fonético Internacional (IPA-2005), tendo em vista que também buscamos verificar em nossa análise os processos fonéticos envolvidos durante sua pronúncia. O quadro 04, a seguir, apresenta os símbolos do alfabeto fonético que foram utilizados na pesquisa:

Quadro 04- Descrição dos símbolos utilizados para a transcrição fonética de *pronto e bora*

Símbolos	Descrição dos sons	Letras
ɔ	Vogal arredondada, posterior, aberta, oral.	O
õ	Vogal arredondada, posterior, fechada, nasal.	On
ə	vogal postônica final, média-baixa, central, oral	A
ʊ	Vogal postônica final, arredondada, posterior, oral	O
ɪ	Vogal alta, não-arredondada, anterior, oral	I
ɪ̃	Vogal alta, não-arredondada, anterior, nasal	I
ɾ	Consoante tepe, alveolar, vozeada	R
T	Consoante oclusiva, dental, desvozeada	T
P	Consoante oclusiva, bilabial, desvozeada	P
B	Consoante oclusiva, bilabial, vozeada	B
M	Consoante nasal, bilabial, vozeada	M
V	Consoante fricativa, dental, vozeada	V
ˈ	Marcador de sílaba tônica	

Exposto isso, no tópico a seguir, apresentamos algumas considerações a respeito das discussões teóricas inerentes ao trabalho.

2. GRAMATICALIZAÇÃO E LEXICALIZAÇÃO NA LINGUÍSTICA FUNCIONALISTA

Nesse tópico, apresentamos os conceitos-chave da teoria linguística funcionalista, que fundamenta a análise dos dados da pesquisa relatada neste trabalho. Inicialmente situamos no tópico “Gramaticalização” o conceito de gramaticalização, explanando algumas diferenças entre a concepção funcionalista e outras existentes. Esse tópico subdivide-se em “Princípio de unidirecionalidade: mecanismos e motivações para a gramaticalização”, em que são feitas algumas considerações acerca do princípio de unidirecionalidade e acerca de alguns mecanismos relacionados à gramaticalização.

Após isso, o tópico “Lexicalização” apresenta algumas discussões sobre o fenômeno denominado de lexicalização e suas diferenças e semelhanças com a gramaticalização. Ao final da fundamentação teórica, apresentamos o tópico “Aspectos linguístico-funcionalistas em unidades linguísticas”, que expõe alguns estudos sobre itens linguísticos que colaboram com a análise dos itens selecionados nessa pesquisa e, em seguida, nos subtópicos “O item linguístico *pronto*” e “O item linguístico (em)bora”, discutimos mais especificamente sobre as pesquisas já existentes acerca desses itens, enfatizando suas contribuições para o nosso estudo.

2.1. Gramaticalização

O estudo do fenômeno denominado de gramaticalização teve seu desenvolvimento de maneira mais expressiva na Linguística Funcionalista norte-americana, durante os anos de 1970. Essa abordagem estuda as mudanças linguísticas, considerando o(s) objetivo(s) da interação durante a atividade comunicativa, os participantes e o contexto discursivo. Assim, “a gramática é vista como uma estrutura aparentemente fixa, congelada, mas que é criada e recriada por motivações comunicativas e cognitivas” (CEZARIO, 2012, p. 19).

Desse modo, o funcionalismo se diferencia de campos linguísticos já existentes antes de seu desenvolvimento, como, por exemplo, a Linguística Estruturalista de

Saussure e a Linguística Gerativista, de Chomsky, cujos estudos se centram na coleta de fatos e sua categorização em graus de formalidade.

Na linguística saussureana, a concepção de língua está relacionada ao conjunto de conhecimentos que todo falante possui e possibilita a comunicação e compreensão acerca de determinada língua, que se organiza de maneira sistemática e autônoma, “depositada” na mente dos falantes, ao passo que a fala é a utilização individual dos falantes desses conhecimentos em situações reais de comunicação, ou seja, está relacionada ao modo particular de cada falante. Dessa forma, o sistema linguístico é visto como sendo de caráter social, considerando que é compartilhado entre os membros da sociedade, porém, de maneira autônoma, haja vista que está organizado de acordo com leis internas, intrínsecas ao próprio sistema.(SAUSSURE, 1989).

Seguindo uma linha de pensamento semelhante ao estruturalismo, a linguística chomskiana, desenvolvida em meados da década de 1950, defende que a “competência” linguística do sujeito se origina de princípios inatos “armazenados” na mente dos indivíduos que vão se desenvolvendo e formando a gramática das línguas, e o seu uso real de comunicação é denominado de “desempenho”. (CHOMSKY, 1975).

Segundo Givón (2012), linguista-funcionalista norte-americano, tais estudos não se preocupam em explicar os fenômenos relacionados às atividades comunicativas, distanciando o conhecimento linguístico do uso, uma vez que, tal como se pode observar na afirmação seguinte, feita por Bloomfield¹ (1933), o estruturalismo desconsidera fenômenos naturais da linguagem, tal como o caráter cognitivo e fonético presentes no uso da língua:

então ele [Saussure] exemplifica em sua própria pessoa e talvez de maneira involuntária o que provou intencionalmente e na forma precisa: que a psicologia (e a fonética) não importam absolutamente e são, em princípio, irrelevantes para o estudo da linguagem [...] (BLOOMFIELD,1933, p.318, tradução nossa).

E Chomsky não leva em conta a relação entre o uso da gramática e a semântica, propondo uma independência do conhecimento linguístico em relação ao seu uso e aos seus diferentes significados. Conforme Bloomfield (1933) afirma:

¹ Leonard Bloomfield (1887-1949) é considerado o fundador da linguística estrutural norte-americana, utilizando em seus estudos procedimentos científicos.

Eles (os estudos da semântica) parecem não ter importância direta para a questão de identificar ou caracterizar o conjunto de enunciados gramaticais. Penso que somos forçados a concluir que a gramática é autônoma e independente do significado [...] (BLOOMFIELD, 1933, p. 17, tradução nossa).

Além disso, ambos os estudos (estruturalista e gerativista) veem a sincronia e a diacronia como sendo fenômenos distintos, sobre as quais não se podem estabelecer relações, quando na verdade já se constatou a necessidade de relacioná-las para que se possa compreender verdadeiramente o processo de constituição da gramática, tendo em vista que o modo mais pragmático de comunicação possibilita a formação de expressões sintáticas, demonstrando que discurso e gramática não são opostos, mas fazem parte de um mesmo contínuo.

Dessa forma, mesmo que alguns estudos de gramaticalização tenham privilegiado o viés diacrônico (preocupação mais voltada para a explicação de como as formas gramaticais surgem e se desenvolvem na língua, cf. GONÇALVES et al, 2007, p. 16) ao sincrônico (preocupação mais voltada para a identificação de graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos de uso da língua, cf. GONÇALVES et al, 2007, p. 16), ou vice-versa, não há como separá-los definitivamente, pois a gramaticalização é de caráter mais pancrônico, isto é, combina esses dois vieses.

Nessa perspectiva, Hopper (1987, *apud* NEVES, 2002) afirma que, subjacente à compreensão do processo de gramaticalização, há uma concepção de “língua como atividade no tempo real e a postulação de que, a rigor, não há gramática como produto acabado, mas sim constante gramaticalização”. (p. 176). Além disso, Neves (2002) afirma que a gramaticalização no campo da Linguística Funcionalista se preocupa com a função como centro condutor da reflexão, entendendo função como a união entre o estrutural e o funcional, e não apenas como uma entidade sintática. Assim, as diversas funções dos itens e suas diferentes significações no enunciado estão em consonância com a eficiência da comunicação entre os usuários de uma língua.

No entanto, antes de se chegar a essa concepção do que vem a ser gramaticalização, vários estudiosos apresentaram definições a respeito desse fenômeno. A primeira, proposta por Meillet (1912 *apud* GONÇALVES et al, 2007), cunhador do termo “gramaticalização”, se refere à “passagem de uma palavra autônoma à função de

elemento gramatical”, tendo o percurso léxico > gramática, isto é, essa noção considera que a gramaticalização é o fenômeno em que as palavras lexicais de categorias mais plenas (leia-se nomes, verbos e adjetivos) passam a se integrar a classes de categorias gramaticais (preposições, verbos auxiliares, advérbios). Justificando a relevância da gramaticalização nas atividades da ciência da linguagem, seus primeiros estudos dão ênfase à ideia de que a gramaticalização é uma ferramenta da linguística histórica, cujos objetivos eram explicar as origens e mudanças típicas de morfemas gramaticais, contribuindo para a etimologia e evolução histórica das palavras.

Mesmo assim, ao serem observadas as explicações e exemplificações de palavras que passaram pelo processo de gramaticalização por estudiosos da área, se concluiu que os estudos de Meillet não se distanciam da noção de que o fenômeno em questão é também um processo sincrônico, tal como afirmam Gonçalves et al (2007), visto que “na perspectiva diacrônica, palavras acessórias e palavras gramaticais podem se desenvolver de palavras principais e, na perspectiva sincrônica, palavras acessórias e/ou gramaticais e sua forma-fonte principal podem conviver num mesmo recorte de tempo” (p. 21-22).

Lehmann (1995 [1982], p. 11-12 *apud* GONÇALVES et al, 2007) acrescenta à definição de Meillet (1912 *apud* GONÇALVES et al, 2007) a noção de que o processo de gramaticalização pode levar à mudança não somente de um item lexical para gramatical, mas de um item menos gramatical para mais gramatical. Sua definição corrobora a adotada por Heine et al (1991 *apud* GONÇALVES et al, 2007):

a gramaticalização consiste no crescimento dos limites de um morfema que avança de um valor lexical para um valor gramatical ou do menos para o mais gramatical, isto é, de um formante derivacional para um formante flexional (p.03).

Buscando ampliar a noção de gramaticalização, Givón (1979), sem desprezar as ideias defendidas anteriormente pelos teóricos citados, introduz a noção do discurso, que, de acordo com Castilho (2010, p. 133) é “o conjunto de negociações em que se envolvem o locutor e o interlocutor”. Nesta linha de estudos, mais especificamente entendido como uma macrossintaxe, constituída através do processo de interação linguística na sociopragmática, como um fator que influencia o desenvolvimento de estruturas e categorias gramaticais. É com base nessa definição, já explicitada inicialmente, que este estudo será feito.

Partindo do discurso para a morfossintaxe, perspectiva adotada também por outros estudiosos, como, por exemplo, Genetti (1991), Haiman (1991), Herring (1991), Hook (1991), Hopper (1991), entre outros, Givón (1979), entre outros, citados por Givón (1979), esse último autor representa os processos de regularização do uso da língua da seguinte maneira: Discurso> Sintaxe> Morfologia> Morfofonologia> Zero. Ou seja, os itens ou construções lexicais começam a ser utilizados no discurso e, embora possibilite significar determinada função gramatical, sua função não é fixa ou sistemática. Ao serem utilizadas de maneira recorrente pelos indivíduos, esses itens vão se tornando mais regulares, com determinada estruturação sintático-morfológica e, ao se cristalizarem, vão perdendo sua variação sintagmática de uso. Assim, a cada passo que os itens vão se fixando na língua, sua ordem vai ficando mais rígida, como, por exemplo, causando a impossibilidade da ocorrência de inversões de elementos. Durante a frequência de uso, os itens podem sofrer alterações fonológicas ou até mesmo desaparecer, podendo atingir o grau zero, para que, conseqüentemente, outro item o substitua funcionalmente, e se recomece outro ciclo funcional.

Outro aspecto concernente à gramaticalização, de acordo com Martellota (2011), é o fato de que esse processo envolve não apenas elementos fixos e regulares que assumem restrições gramaticais de um ponto de vista mais formal, mas também elementos sintaticamente mais livres que veiculam estratégias discursivo-pragmáticas, como, por exemplo, os marcadores discursivos e outros elementos interpessoais.

Sendo assim, no processo de gramaticalização, o modo mais pragmático de comunicação possibilita um modo mais sintático, e expressões linguísticas sintaticamente mais fracas se transformam em expressões sintaticamente mais fortes. Para melhor explicar esse processo, Givón (1979) recorre a seis itens: a linguagem da criança, as línguas pidgins, a linguagem informal, a fala do adulto, as línguas crioulas e a linguagem formal.

A explicação dada por esse autor é a de que a linguagem infantil, inicialmente, não possui um conhecimento pragmático comum da língua compartilhado e sua articulação é lenta; as línguas pidgins são caracterizadas por possuírem uma extensa variação e inconsistência sintática, com pouco ou nenhum uso de morfologia

gramatical; a linguagem informal é de natureza não planejada, envolvendo mais repetições, reduções e simplificações da morfologia gramatical.

Esses três itens possibilitam expressões sintáticas mais fortes, encontradas, de acordo com Givón, na fala do adulto, considerando que possui um amplo registro comunicativo, no modo sintático e pragmático; nas línguas crioulas, cuja variação é muito menor que no pidgin, possuindo algumas características uniformes e em comum com as línguas naturais; e na linguagem formal (escrita), mais planejada e monitorada, permitindo reformulações. Esse processo envolve diferentes estágios ou mecanismos e motivos, que possuem perspectivas semelhantes a essas já explicitadas, como daremos ênfase no tópico a seguir.

2.1.1. Princípio de unidirecionalidade: mecanismos e motivações para a gramaticalização

Um dos pontos mais discutidos a respeito da gramaticalização é o princípio de unidirecionalidade, que, embora contrariado por diversos pesquisadores da área (MATISOFF, 1991; HEINE et al, 1991, *apud* GONÇALVES et al, 2007), é entendido como um processo em que “elementos representacionais se tornam gramaticais, e não o contrário” (MARTELOTTA, 2011, p. 106), mais especificamente, segundo Hopper e Traugott (1993/2004, p. 100), é conceituado como uma relação entre dois estágios (A e B), em que A ocorre antes de B, mas não vice-versa, derivando de maneira sequencial.

Algumas objeções a esse princípio são feitas por Castilho (2010), ao afirmar que os estudos funcionalistas sobre gramaticalização parecem ser contraditórios, considerando que a princípio se defende a noção de uma língua como uma “entidade em processo”, contudo, ao assumir que existe uma linearidade em que categorias são dispostas umas após as outras, esses estudos acabam por se oporem ao que defendem, tomando a língua como algo estático e sistemático.

Uma outra questão discutida por Castilho (2010) está relacionada ao fato de os funcionalistas considerarem que a gramaticalização ocorre do léxico para a gramática, haja vista que, de acordo com o autor, esses sistemas são autônomos enquanto produtos; e de os funcionalistas relacionarem fenômenos tão distintos, ou seja, fonética, sintaxe, semântica e discurso, de maneira hierárquica, como se a mente do usuário de uma

língua operasse através de impulsos sequenciais. Consequentemente, o autor defende que qualquer expressão linguística pode apresentar simultaneamente propriedades discursivas, semânticas e gramaticais enquanto processos, ainda que os graus de propriedades variem. Dessa forma, Castilho (2010) considera que, na verdade, durante o processo de gramaticalização, há uma “multidirecionalidade”, levando em conta os seguintes aspectos:

As línguas naturais podem ser consideradas do ângulo de sua produção ou do ângulo de seus produtos. O estudo das categorias da produção é privilegiado em relação aos estudos das categorias dos produtos.

Do ângulo de sua produção, as línguas são definíveis como um conjunto de processos mentais, pré-verbais, que operam

- (i) simultaneamente, não sequencialmente,
- (ii) dinamicamente (não são entidades estáticas)
- (iii) multilinearmente (não são entidades unilineares).

Do ângulo dos produtos, as línguas se apresentam como um multissistema, composto por um conjunto de categorias agrupadas em quatro subsistemas:

- (i) Léxico,
- (ii) Discurso,
- (iii) Semântica,
- (iv) Gramática.

Os subsistemas linguísticos serão considerados autônomos uns em relação aos outros. Eles não são mutuamente determináveis. Não serão postulados subsistemas centrais e subsistemas periféricos. Um subsistema não deriva de outro.

Princípios sociocognitivos de ativação, desativação e reativação de propriedades, inferidos das propriedades da conversação, gerenciam os subsistemas, funcionando como um núcleo central de ordenação, garantindo sua integração para os propósitos do uso.

(CASTILHO, 2010, p.23)

Com relação a essas objeções, mesmo Castilho (2010) tendo contribuído bastante com os estudos funcionalistas, é relevante reconhecer que, embora haja uma simultaneidade entre essas propriedades, a gramática, até mesmo por questão de organização, através das semelhanças, utilizam a noção de categorias lexicais e gramaticais, o que Givón ([1984] 2012) denomina de “configuração prototípica”, em que “dentro de cada categoria, há o membro que ostenta o maior número de propriedades características, e é segundo essa semelhança que os demais membros devem ser classificados” (p.42). Ainda é evidente também que essa divisão muitas vezes tem um caráter vago, o que não é contestado pelos funcionalistas, pois, inclusive, Givón (1984) defende que essa vaguidade permite que membros não prototípicos se aproximem, através do contexto ou do propósito, e por isso, possibilitando a passagem item lexical>item gramatical.

Outro fato a se considerar é que muitas vezes um item linguístico, antes pertencente à categoria lexical pode perder completamente as características que permitiam dizer ser de propriedade lexical, transformando-se em uma categoria diferente dos parâmetros sincrônicos anteriores, e, portanto, podendo haver derivação de uma categoria para outra. Braga (2003, p. 208) defende que a unidirecionalidade é “um recurso que permite organizar e melhor compreender os diversos usos associados à determinada mudança”, nos permitindo entender que “nem toda mudança pressupõe gramaticalização, mas toda gramaticalização pressupõe mudanças”. Assim, a passagem lexical >gramatical não é direta, pois, de fato envolve processos mentais que operam simultaneamente, tal como Castilho (2010) defende. Tal passagem, aparentemente “sequencial”, estuda a pragmática, se referindo ao fato de que itens lexicais têm funções, necessariamente discursivas, para que se tornem, posteriormente, fixas, considerando também o plano sintagmático e, enfim, constituir um morfema.

Nessa perspectiva, o termo “unidirecionalidade” também chama a atenção para a questão de que não há reversões de processos unidirecionais, dessa forma, o que aparenta ser algo linear, fica ainda mais evidente em estágios mais avançados de gramaticalização. No entanto, estudiosos como Heine et al (1991 apud GONÇALVES et al, 2007, p. 04-05) contemplam a possibilidade de haver essa reversão, denominada de “desgramaticalização” ou “regramaticalização”, ainda que não se tenha comprovado de fato sua existência no estudo dos itens linguísticos.

O processo de gramaticalização pode ser verificável através de alguns mecanismos decorrentes do que os funcionalistas denominam de iconicidade ou relações icônicas, isto é, uma motivação para que fenômenos linguísticos ocorram de uma forma ao invés de outra, apresentada, segundo Martellota (2011), como uma “inclinação oposta a uma outra tendência existente nas línguas: a arbitrariedade” (p.51), acrescentando a possibilidade de autonomia de escolha linguística por parte dos indivíduos aos estudos de Saussure (1989), pois, para o linguista-estruturalista:

(...) arbitrário não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala, [porque] não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo linguístico; queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado (SAUSSURE, p.83)

Desse modo, a gramaticalização adquire a concepção de que a língua não é apenas um inventário de raízes (palavras) arbitrárias, mas inclui um sistema de regras gramaticais que expressam elementos quando combinadas a essas raízes, tendo em vista que uma informação lexical que possui um conceito mais concreto pode ser mapeada em um conceito mais abstrato, do domínio gramatical, além disso, os elementos de valor gramatical, mais abstratos, sofrem erosão mais facilmente.

Nessa perspectiva, alguns estudos sobre os mecanismos decorrentes desse processo são apresentados de maneira bastante sucinta e pouco abrangente, como pode ser visto através dos apontamentos de Castilho (2010, p.145), que apresenta, respectivamente, três mecanismos: a fonologização, isto é, o processo de formação e /ou alteração dos quadros vocálico, consonantal e da estrutura silábica; morfologização, que estuda a formação dos morfemas flexionais e derivacionais em uma dada língua, e sintaticização, voltada para o estudo das marcações gramaticais. Para facilitar o entendimento do que vêm a ser esses mecanismos, Castilho (2010, p.156) apresenta como exemplo o processo de gramaticalização da expressão nominal *Vossa mercê*, tendo em vista que, se considerarmos a fonologização, perceberemos a redução fonológica ocorrida nessa expressão, gradativamente, se alterando para *Vosmecê* (e a variante *vossuncê*), *ocê*, *cê*, mais utilizada atualmente na oralidade, ainda que na escrita o “correto” seja “*você*”.

Considerando a morfologização, Castilho (2010, p.156) descreve a alteração de classe, já que, inicialmente, tínhamos a expressão *Vossa mercê*, ou seja, uma palavra composta, que aos poucos se transformou em uma palavra simples (*vosmecê*), e atualmente, para clítico (*cê*): substantivo>pronome>afixo. Por fim, o autor leva em conta o mecanismo de sintaticização da expressão em questão, evidenciando que a perda de fronteira entre o especificador “*vossa*” e o núcleo nominal “*mercê*”, no sintagma nominal *Vossa mercê*, gerou a cliticização, fornecendo uma “progressiva marcação gramatical pré-núcleo no português brasileiro, afetando agora a pessoa do verbo” (p.156).

Mais voltado aos estudos linguístico-funcionalistas de natureza pragmático-discursiva, Martelotta (2011) discute acerca de quatro mecanismos, respectivamente: extensão; dessemantização; decategorização e erosão.

O mecanismo de extensão ou generalização de contextos abarca aspectos de natureza sociolinguística, discursivo-pragmática e semântica, que dão ênfase à habilidade que o falante possui de utilizar palavras já existentes na língua para criar novos significados:

O componente sociolinguístico tem a ver com o fato de que uma inovação na língua surge de um ato individual e vai se estendendo para outros falantes e - pelo menos em termos ideais - difunde-se por toda a comunidade de fala. O componente discursivo-pragmático envolve o espalhamento do item ou da construção para novos contextos discursivos ou pragmáticos [...]. O componente semântico, por sua vez, atribui ao elemento um novo valor, que emerge dos novos contextos. (MARTELOTTA, 2011, p. 107).

Neves ([1997] 2002) apresenta a ideia de que essa extensão ou complexidade de elementos de uma representação linguística reflete em uma natureza conceptual, o que reafirma as discussões feitas acerca da motivação icônica.

O mecanismo de dessemantização ocorre quando um elemento, ao ser utilizado em novos contextos, perde parte de seu sentido original, perdendo sua “expressividade”, e adquirindo funções de natureza pragmático-discursiva. Associada a esse processo, uma motivação recorrente dos falantes na criação de novas expressões está no fato de que há uma necessidade da utilização de formas linguísticas com sentido mais concreto para expressar novos significados de caráter mais abstrato. Uma das estratégias cognitivas que permite essa criação é a metáfora, de transferência conceptual, a partir da qual, segundo Heine et al. (1991 apud GONÇALVES et al, 2007), “não se formam novas expressões; predicções preexistentes são introduzidas em novos contextos ou aplicadas por meio da extensão de significados” (p. 43). Essa abstratização de significados, em que domínios lexicais ou menos gramaticais se estendem para mapear conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticais, está relacionada à forma como os indivíduos compreendem e conceituam o mundo que os cerca, nos permitindo reconhecer os “conceitos-fontes”, tendo em vista que um conceito é fonte a partir do momento em que se pode relacioná-lo a outro conceito, mais abstrato.

Outra estratégia que colabora para a dessemantização é a metonímia, também chamada de inferência, que possui uma motivação pragmática, em que um significado é especificado em termos de outro que está presente, mesmo que esteja encoberto, no contexto, envolvendo uma reinterpretação. Assim, por exemplo, uma palavra quando

utilizada em uma frase na qual uma ideia, de alguma maneira está ligada ao significado da palavra, possibilita a formação de um elemento do contexto.

O mecanismo de decategorização constitui uma mudança de classe gramatical, isto é, um item linguístico, ao mudar de sua categoria original para outra, aos poucos, vai se fixando na língua novamente, deixando de ser uma categoria livre. Associado a esse mecanismo, está o mecanismo de erosão ou redução fonética, em que o elemento ao mudar de categoria pode sofrer fusão ou diminuição de forma, algo recorrente na atividade comunicacional, visto que o falante busca se comunicar de maneira eficaz com o intuito de economizar na construção linguística.

Todos esses mecanismos, apesar de estarem apresentados de maneira separada um do outro, possuem uma estrita ligação, podendo acontecer de maneira integrada, pois, por exemplo, ao mesmo tempo em que há a decategorização, há a dessemantização. Também, contribuem para a noção de que os falantes de uma língua têm a necessidade de utilizar formas linguísticas já existentes e concretas, mais acessíveis e representacionais, para formar sentidos menos concretos e menos facilmente acessíveis e menos delimitáveis, que, aos poucos, vão se tornando também mais acessíveis e mais delimitáveis.

Dito isto, no tópico a seguir fazemos algumas explanações acerca do conceito de lexicalização, tendo é vista que é relevante sabermos estabelecer as diferenças e semelhanças entre esse fenômeno e o de gramaticalização.

2.2. Lexicalização

O fenômeno denominado de lexicalização, assim como ocorre na gramaticalização, é constituído por uma mudança gradual, sendo de ordem da criação de novos elementos lexicais, a partir da combinação ou modificação de elementos já existentes. Sendo assim, Brinton e Traugot (2005) definem lexicalização como:

a mudança pela qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam uma construção sintática ou uma formação de palavras como uma nova forma significativa, contendo propriedades formais e semânticas que não são completamente deriváveis ou previsíveis a partir dos constituintes da construção ou do padrão da formação de palavras. Através do tempo, pode ocorrer mais perda da constituição interna e o item pode se tornar mais lexical. (p. 96).

Dessa maneira, o valor semântico de palavras oriundas do processo de lexicalização apresenta alto grau de idiomaticidade, visto que não pode ser apreendido a partir dos elementos componentes de sua formação, mas sim a partir de seu conjunto na atividade comunicativa.

De caráter mais cognitivo-funcionalista, Castilho (2010) considera que a lexicalização diz respeito à criação de palavras em que expressamos categorias cognitivas e traços semânticos, transformando “impulsos mentais em ondas sonoras”, por isso, considerado um mecanismo bastante “obscuro”. Dessa maneira, o autor afirma que a conexão do léxico ocorre através da junção de um inventário pré-verbal ao vocabulário (pós-verbal), para que se formem produtos concretos, isto é, as palavras. Um dos exemplos apresentados por Castilho (2010) se refere aos verbos “entrar”, “sair”, “passar”, que lexicalizam uma combinação “movimento e percurso”.

Esse estudioso ainda apresenta duas outras definições, a primeira diz respeito ao fenômeno de “relexicalização”, definido como uma nova ativação das categorias cognitivas e semânticas, recolocando-as nas palavras e, conseqüentemente, renovando o vocabulário. A esse processo são consideradas a derivação, por meio da qual utilizamos prefixos e sufixos para juntá-los a um radical pré-existente e, portanto, reativando categorias cognitivas pelas quais a palavra resultante já havia passado mais de uma vez; e a composição, em que são criadas palavras compostas através da junção de radicais pré-existentes, como é o caso de “pé-de-moleque”.

A segunda definição apresentada pelo autor se refere ao que é denominado de “deslexicalização”, isto é, o desaparecimento de palavras, visto por estudiosos, por exemplo, Crystal (2005), como algo relativo, pois muitas vezes a palavra permanece, mas um dos campos semânticos em que a palavra era utilizada desaparece, tendo em vista que palavras como “pela”, que antes podia designar a bola de futebol, atualmente não possui esse significado, no entanto, para designar o jogo de futebol, ainda hoje utilizamos o termo “pelada”.

Considerando o aspecto pragmático presente na definição de Brinton e Traugot (2005) acerca da lexicalização, podemos compreender que se reflete na produção de significados particulares que diferem do significado literal das unidades lexicais, e,

portanto, gera um valor mais representacional do que gramatical, o que difere do processo de gramaticalização.

Outro aspecto que distingue lexicalização de gramaticalização está relacionado ao baixo grau de regularidade “no que diz respeito às classes ou aos grupos de palavras em que ocorre a mudança, apresentando efeitos menos sistemáticos e pendendo para a idiosincrasia.” (MARTELOTTA, 2011, p. 121).

Nessa perspectiva, não se confundindo com processos comuns de formação de palavras, tal como a derivação sufixal, a lexicalização pode ocorrer desde em sintagmas idiomáticos fixos, como em “casa de festa”, que pode ser não necessariamente uma casa, mas um espaço em que ocorrem festas, até em formas compostas e derivadas, que apresentam um sentido menos previsível se verificarmos seus elementos constituintes, como por exemplo, em “pé de moleque”.

Apesar de apresentarem distinções, a lexicalização e a gramaticalização apresentam também algumas similaridades, tais como a perda de composicionalidade e a perda de fronteiras advinda dos processos de junção e redução de elementos fonológicos. Portanto, segundo Martelotta (2011), é incoerente considerar a lexicalização e a gramaticalização como “caminhos inversos de mudança”, mas devemos considerá-las como “mecanismos diferentes, com características distintas, que obedecem às mesmas tendências em direção à perda de fronteiras e de composicionalidade” (p. 122).

2.3. Aspectos linguístico-funcionalistas em unidades linguísticas

Muitos estudos de abordagem funcionalista vêm sendo feitos nos últimos anos sobre itens de diversas categorias da língua. Em especial, destacam-se os estudos sobre a conjunção, visto que, bem como enfatizam Gonçalves et al (2007), é uma classe de palavra sujeita à constante mudança na língua, e, portanto, rica para os estudos de gramaticalização.

Considerando os itens linguísticos selecionados para serem analisados nesse trabalho, é interessante discutirmos um pouco acerca de estudos feitos de outros itens que de alguma forma estão mais próximos dos itens *embora*, que diz respeito às classes

conjuntivas, e *pronto*, mais relacionado aos estudos que levam em conta a oralidade de modo mais expressivo.

Com o intuito de investigar as construções opositivas decorrentes de articuladores de sentenças que se opõem semanticamente, Silva (2004) verificou tais construções em textos jornalísticos (pelo fato deste representar um nível considerado formal de uso da língua escrita), obtendo o uso de vários conectores, como, por exemplo, o *porém* e o *mas*, sendo que, devido a essa variabilidade, o autor optou por estudar o item *mas*, tendo em vista que esse item possibilita o estudo da iconicidade. É interessante observar que Silva (2004), embasado em Cunha (1986), chama a atenção para o fato de que nem sempre o item *mas* possuirá função adversativa, uma vez que pode exprimir noção de restrição, retificação, atenuação, além de indicar mudança de assunto.

Uma das ocorrências do *mas* analisada por Silva (2004), destaca que o subprincípio da ordenação linear comprova o caráter icônico do uso do conector em questão, isto é, a ordem estrutural dos itens, tendo como base princípios naturais e cognitivos, reflete a ordem de realização desses itens ou a concepção de realidade que os envolve:

(4) Há pouco, desabou no Rio de Janeiro, um edifício de 6 andares, matando e ferindo algumas pessoas. A construção do mesmo fora autorizada pela prefeitura, *mas* sem as cautelas legais, como agora se descobriu, porque “não houvera tempo” para um exame melhor do projeto. (A UNIÃO- João Pessoa, sexta-feira, 8 de outubro de 1954; p.03). (SILVA, 2004, p.07)

No exemplo acima vemos que a informação não expressa linguisticamente uma indicação de causa para o problema (o desabamento do edifício de 6 andares), mas fica implícita na informação opositiva um dos prováveis motivos para o problema: a falta da inspeção devida por parte da prefeitura. Neste caso, se omitíssemos o item *mas* implicaria em uma atenuação da informação opositiva, fazendo com que o item seja ainda mais requisitado: “(4.2.) A construção do mesmo fora autorizada pela prefeitura, sem as cautelas legais.” (SILVA, 2004, p.87).

Através dos resultados obtidos, Silva (2004) esclarece que a existência de uma correlação motivada entre forma e função não é absoluta e rigorosamente determinante, destacando o fato de que não há aspecto monolítico na iconicidade. Além disso, seu

estudo contribuiu para que percebêssemos a existência de uma não-arbitrariedade na estrutura linguística, mas delimitada pelos propósitos comunicativos do interlocutor.

Um dos estudos feitos no que diz respeito ao português falado foi feito por Souza (2012), voltado para o aspecto discursivo-funcional do item *aí* na oralidade sujeitos do noroeste paulista. Dentre os usos obtidos, está o *aí* como elemento anafórico, bem como podemos observar no recorte abaixo:

(8) eles tiveram MAIS dificuldade pra reconhecer...as vítimas né e:: nesse caso AÍ [o acidente de ônibus da Cometa] foi enterrado gente...com nome de outras pesso::as. (SOUZA, 2012, p. 80).

Nesse caso, o item *aí* é usado para retomar anaforicamente o evento: *o acidente de ônibus da Cometa*. Faz-se necessário lembrarmos que originalmente o item *aí* funciona como advérbio espacial dêitico, uma vez que “localiza objetos no espaço, tomando como base o lugar em que se encontram falante e ouvinte” (MARTELOTTA, 2011, p. 83). Geralmente, os dêíticos passam a assumir valor anafórico, tal como ocorre em (8), indicando um termo mencionado anteriormente, atuando no nível representacional.

O estudo de Souza (2012) contribui pelo fato de, principalmente, evidenciar usos do item *aí* que se relacionam com o nível interpessoal, estabelecendo diferentes funções comunicativas/interacionais. Sendo assim, o autor constatou que esse item pode funcionar como uma referência imprecisa, incerta, como vemos no exemplo abaixo, em que comunicativamente, essa ocorrência pode ser entendida da seguinte forma: “uma amiga me contou umas coisas que são íntimas, e por isso, eu não posso dizer exatamente como essas coisas ocorreram” (SOUZA, 2012, p. 85):

(26) ah:: a M. já me contô(u) umas coisas *aí* ...tipo a gente a gente foi no baile jun::to tal...mas::a gente chega LÁ a gente fica lá dançan:: (d)o e ela some...*aí* depois no final do baile ela vem tipo ela fala que vem me contan(d)o as coisas...daí::ela::me falô(u) que:: ela FOI ela ela era a fim de beijá(r) un::s menino lá... (SOUZA, 2012, p. 85).

Esses usos descritos por Souza (2012) são uma evidência de que o item *aí* tende cada vez mais a se gramaticalizar no português brasileiro, assumindo funções que são facilmente compreendidas como interpessoais, uma vez que está associada à interação comunicacional.

Após essa breve discussão acerca de alguns estudos de abordagem linguístico-funcional, observemos alguns estudos já feitos sobre, especificamente, os itens linguísticos que serão analisados neste trabalho.

2.3.1. O item linguístico (em)bora

Said Ali (1971) verificou que a conjunção *embora* passou por um processo de gramaticalização através da perda de material fonético, isto é, com a passagem de *em boa hora*, cuja expressão tinha um valor temporal e era acrescido “a frases optativas ou imperativas, por sinceridade ou mera cortesia” (p. 189), para o *embora* de valor concessivo. O motivo pelo qual houve essa redução fonética se deu justamente pelo fato de que o uso da expressão em boa hora era muito frequente na época do imperialismo, na oralidade, e embora mantendo o sentido original os falantes reduziam essa forma tão comum e utilizada em diversos contextos, como hoje em dia ocorre com expressões do tipo *olha lá*, em que dizemos *olá*.

Com o tempo a expressão *embora* foi assumindo valores distintos. Outros estudos, tal como o de Neves (1999), constataram que o item *embora* também adquire a função de advérbio juntamente aos verbos *ir* e *vir*, por exemplo, na expressão *venho embora*, e que ainda pode adquirir um valor de “refutação de objeção”, podendo ser intensificado pelo advérbio *muito*, formando a expressão *muito embora*.

Corroborando com a ideia de que o item *embora* foi adquirindo um valor de contraste a um argumento, Martelotta (2011) apresenta o seguinte exemplo, retirado do *Corpus D&G*:

(3) Embora a noite tenha tido isso de engraçado, é triste saber que um garoto de dez anos estava às onze da noite vendendo rosas de mesa em mesa em um bar enquanto deveria estar dormindo, e pior, sem esperança nenhuma de alcançar sucesso na vida. (p.22).

A partir desse exemplo, percebemos que o item não apresenta valor temporal, como tinha inicialmente, mas contrasta o lado “engraçado” da noite, que estaria relacionado a algo positivo, com a tristeza de que “um garoto de dez anos estava às onze da noite vendendo rosas de mesa em mesa em um bar”, possibilitando o fortalecimento das intenções comunicativas para o ouvinte, e por isso, ligando ao aspecto mais pragmático de uso.

Vale salientar que, atualmente, o item *embora* está passando por processos de gramaticalização distintos dos já estudados, através, novamente, da perda de material fonético, possibilitando o surgimento da expressão *bora* e, conseqüentemente, passando a adquirir diversos outros significados, os quais estudaremos neste trabalho.

2.3.2. O item linguístico *pronto*

Poucos estudos se pautaram no processo de mudança linguístico-funcionalista do item *pronto*, havendo conhecimento apenas do estudo de Christiano e da Hora (2004), que além de traçarem seu percurso evolutivo da língua latina para a língua portuguesa, buscam descrever e analisar seus diferentes usos e significações em contextos discursivos.

Esses autores afirmam que, ao ser utilizado na língua portuguesa, o *pronto* manteve, inicialmente, as funções da sua língua de origem, isto é, adjetiva, adverbial e substantiva. Além dessas funções os autores apresentam a denominada função interativa, cuja ocorrência se dá em contexto de uma conversa telefônica, em que ao iniciar o diálogo, o falante pode substituir a expressão *alô?* por *pronto?*, o que serve de ponto de partida para o estudo de diversas ocorrências do *pronto* no discurso oral que implicam em alterações semânticas e até mesmo em perda de categoria.

A partir de exemplos retirados do *corpus* do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba- Brasil (VALPB), uma vez que dentre outras razões, Christiano e da Hora (2004) consideram que o item *pronto* ocorre de maneira recorrente no falar paraibano, os autores evidenciam a primeira função do item, classificada como *pronto conclusivo*, visto em (1) e (2):

- (1). Não quis estudar, só trabalhar mesmo, *pronto*.
- (2). Porque faltou energia, a gente sacudiu umas carteiras embaixo, aí ela chegou e expulsou a classe todinha, não quis nem conversa, quem estava no meio, quem não estava, *pronto*.

O *pronto conclusivo* possui a função de “fechar o discurso expressando uma ideia conclusiva acerca do conteúdo falado” (p. 187). Apesar de terem essa mesma função, os autores afirmam que em (1) o *pronto* possui uma menor ênfase, podendo ser sinônimo da expressão ‘*é isso aí*’, já em (2), a ênfase do *pronto* é maior, significando a expressão ‘*fim de papo*’.

Evidenciando que o *pronto conclusivo* é também anafórico, já que ocorre o fechamento completo do tópico, aparecendo normalmente no final do discurso, os

autores estabelecem uma divergência entre essa função e a função denominada de *pronto conclusivo perifrástico*, que aparece acompanhado de outro item, em posição medial, para desencadear uma conclusão, adquirindo, portanto, o valor catafórico, observado em (3) e (4):

(3) Eu passeava todos os dias com as minhas colegas. Sabe como é mocinha né? Aí, ah... aquele gordinho num sei que tal, *ai pronto*: eu fiquei achando o gordinho muito simpático e terminamos namorando e casando.

(4) Emprego tá difícil e a fome é muita. *Então pronto*: a violência tá aí.

Com a finalidade de reorganizar o pensamento do falante para evitar pausas, ou para que outro falante não interfira em sua linha de raciocínio, o uso do *pronto* nesse contexto é classificado por Christiano e da Hora (2004) como sendo o *pronto pontuante*. Essa função pode ser vista nos exemplos (5) e (6):

(5) Não acho que não tem oportunidade quem não quer né? *Pronto*, eu acho se o ensino passa hoje a ser mais fácil ou ser mais....mas pelo menos acho que ele é um só. Vai quem quer né?

(6) Por eu ter essa liberdade, ninguém se intromete na minha vida particular. Por isso que, *pronto*, você fala do meu relacionamento com a minha família, é esse.

Considerada pelos autores uma função muito comum no discurso oral, o *pronto de concordância* pode ser enfatizado a partir do uso de advérbios, como vemos em (7), cujo advérbio *exatamente* reforça a concordância do locutor com o interlocutor, ou apenas ser traduzida como ‘tá legal’, ‘tá certo’, visto em (8):

(7) – A transcrição desse texto pode ser feita assim?

- É, *pronto*, exatamente.

(8) – A gente pode sair mais cedo?

- *Pronto*, a que horas?

Essa função, segundo os autores, é utilizada para evitar repetição do que é dito pelo interlocutor, já que, em (7), por exemplo, o interlocutor não iria repetir *A transcrição desse texto pode ser feita assim*.

Para evidenciar uma imposição ou decisão advinda do falante, os autores classificam o uso do *pronto* como o *pronto impositivo*, visto no exemplo (9), em que o *pronto* marca a decisão do dono da loja de oferecer ajuda ao infomante:

(9) Me lembro que ele me deu uma tapioca, foi tapioca, bolo e café, eu comi. *Pronto*, você vai ficar comigo, vai passar a noite aqui na minha loja, ele disse. Passei a noite todinha ali....aí quando de manhãzinha ele me acordou me deu uma vassoura, mandou junto da barraca, varri tudinho, mandou tomar café no barzinho.

Por fim, Christiano e da Hora (2004) apresentam o *pronto explicativo*, que segundo os autores também é muito comum na modalidade oral, e cuja função é a de introduzir uma explicação, possuindo um valor catafórico, como observamos em (10):

- (10) - Onde fica a Rua da República?
- *Pronto*, você vai por ali e logo chega.

Com base nesse estudo realizado, podemos observar que as alterações semânticas do item linguístico *pronto* atestam o princípio da *unidirecionalidade*, isto é, todas as funções observadas que o item *pronto* assume são mais abstratas que as funções primárias, advindas da língua latina, e cada vez que surge uma nova função ela sempre será mais abstrata, perdendo o seu significado de origem.

Além disso, com esse processo de ressemantização, o contexto em que o *pronto* aparece vai se ampliando. Ao se ampliar, o item vai deixando de ser previsível no sistema da língua, com funções não definidas por completo, se distanciando do processo de gramaticalização, embora, como percebemos, os valores que o *pronto* assume tendam a se fixar na língua.

3. MUDANÇAS DE SENTIDO NOS USOS DO *PRONTO* E *BORA*

Neste capítulo analisamos os usos e sentidos dos itens *pronto* e *(em)bora* encontrados nos dados coletados. Para uma melhor demonstração do trabalho realizado, dividimos o capítulo em dois tópicos, intitulados, respectivamente, “Usos e sentidos do item *pronto*” e “Usos e sentidos do item *(em)bora*”.

3.1. Usos e sentidos do item *pronto*

No conjunto de dados gravados que coletamos, foram identificadas dezessete (17) ocasiões em que o item *pronto* foi pronunciado em contextos e sentidos diversos, denotando concordância, discordância, indignação e outros, como veremos a seguir.

O primeiro uso do item *pronto* se faz presente no exemplo a seguir, que, corroborando as ideias de Cristiano e Da Hora (2004), evidencia um significado de imposição:

Exemplo 01:

Contexto: diálogo entre I01, I02, I03 e I04 sobre o protesto dos estudantes ocorrido em horário de trabalho.

I01= é porque o que tá acontecendo também é a mentalidade POLÍTICA que é um POVO DESPOLITIZADO porque [(ininteligível)

I02= [agora agora quem perde com isso? a cida:de...a cidade perde quem é dos “a” ganha com certeza entendeu? a cidade perde...

I01= (ininteligível) do/do nada...o motorista disse [‘**prõtũ**], salte, quando eu vinha do centro da cidade ontem, aí o ôni/ o ônibus vinha pra entrar no integração, aí o ôni/ o moto/ aí a galera emburacou (ininteligível) aí o motorista só fez pegar o (inaudível)Nem passava nem ia nem vinha...[[quem vinha dos bairro não entrava

I02 perguntando a I03=

[[como

é o nome dessa música mesmo, tu sabe?

(inaudível)

I03= (ininteligível)

I04= não e eles confundem porque olhe tudo bem eu posso fazer protes-to... agora isso me dá o direito de [[interditar o

I01= [[num é...

I04= [[a integração? As pessoas que não tão querendo (inaudível) e que precisam né? ir pra algum loca/um compromisso

I03= [é, um BAirro...

I 04= [é, num pode... você num pode interditar a/ as ruas da
cidade...num
pode
I 01= é, aí é...

(gravado no dia 23 de junho de 2013)

O item *pronto*, em destaque, foi pronunciado pelo motorista do ônibus e I 01, numa citação direta, reproduz o enunciado desse motorista. I 01 explica que o motorista impôs que ele descesse do ônibus antes de ir para o Terminal de Integração², devido à dificuldade de circulação dos ônibus durante o protesto dos estudantes³. O sentido de *pronto*, nesse contexto, corresponde a uma ideia de imposição enfática, vindo sempre anteposto ao verbo no imperativo, nesse caso, o verbo *saltar*, como sinônimo de *descer*. Vale salientar que, considerando a faixa etária de I 01 (45 anos), também podemos identificar que, embora o verbo em destaque não esteja atualmente sendo muito utilizado pelos jovens, não foi descartado da oralidade, uma vez que todos compreendem seu sentido.

Com relação ao item *pronto*, apesar de não ter sido verificado em outras conversas, por outros informantes de outras faixas etárias, gênero e níveis de escolaridade, podemos observar que os outros informantes que interagem no diálogo transcrito acima, compreendem perfeitamente o sentido do *pronto* nesse contexto, uma vez que a conversa fluiu normalmente, sem haver marcas de incompreensão por parte dos demais.

Identificamos também *pronto* com um sentido de *explicação*, *conclusão perifrástica*, *concordância* e *conclusão*, confirmando o que já foi observado por Cristiano e Da Hora (2004), conforme veremos nos exemplos 02, 03 e 04, citados abaixo.

Exemplo 02:

Contexto: diálogo entre I01, I 02, I 03, I 04 e I 05 sobre os gastos do Brasil com a Copa de 2014.

² Local onde transitam diariamente todas as linhas de ônibus da cidade de Campina Grande, PB.

³ No dia 17 de junho de 2013 a população de alguns estados brasileiros se reuniu em manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus e outras reivindicações. A população de Campina Grande também aderiu à manifestação.

I 04=E como é que o Brasil ia sediar uma copa do mundo? Tem que ser de acordo com [[(inaudível)
 I 03= [[tem que ser que
 I 04= todo país tem que ter
 I 01= tem que [[se adequar...
 I 04= [[Tem
 I 05= ma..o problema foi o gasto [[muito
 I 04= [[não, mas o problema...
 I 02=o problema não, o gasto previsto era um..aí quando o[[
 I 05= [[já ultrapassou
 o gasto
 I 02= [[já
 ultrapassou, e ainda não terminou
 I 04=SIM, mas o problema não é isso é a corrupção no Brasil
 I 05= isso é...
 I 02= porque ó, o gasto era um, agora tá sendo o [[triplo
 I 04= [[['prõtu], o estádio
 desse, se fosse na China, já teria concluído em mais tempo/ [[em
 menos tempo
 I 05= [[menos tempo
 I 04= [[e
 I 05= [[e mais barato

(Gravado no dia 25 de junho de 2013)

No exemplo 02, o *pronto* é utilizado por I04 para introduzir uma explicação comparativa, haja vista que o autor compara a duração de construção de obras feitas na China, que no nosso imaginário é tida como um país dinâmico, não-corrupto, que tem leis que são cumpridas, e, portanto, tem suas obras cumpridas no prazo estabelecido, em oposição ao Brasil, que é tido como um país permissivo, corrupto, cujas obras não são cumpridas no tempo estabelecido. Além disso, podemos identificar que a utilização desse item funciona como tomada de turno por parte de I04, durante a fala de I02.

Nos exemplos 03, 04 e 05, são evidenciados os usos do *pronto conclusivo perifrástico*, uma vez que, com base em Cristiano e Da Hora (2004) introduzem uma conclusão:

Exemplo 03:

Contexto: diálogo entre I 02 e I 04 sobre o jogo do Brasil na Copa das Confederações de 2013.

I 02= vai ter jogo do Brasil quando?
 I 04=num sei se é quarta...
 I 02= quarta?...é...Brasil e quem hein?
 I 04= é...Uruguai
 I 02= JÁ? é semifinal é?

I 04= é porque é..rápido né essa copa da confederação né só tem duas
chave de quatro, aí os dois primeiro passa pras semifinais e
[‘**prõtu**]/e quem ganhar vai fazer a final...aí o outro jogo vai ser Itália
e Espanha

(Gravado no dia 25 de junho de 2013)

No exemplo 03, o *pronto* é utilizado com vistas a concluir a sentença anterior, isto é, a sequência de partidas da Copa das Confederações que ainda iriam acontecer, estabelecendo que ao final das partidas, o time vencedor disputará a final. Nesse diálogo, observamos que o mesmo informante visto no exemplo 02 (I04) é quem apresenta, em sua fala, esse outro sentido do item em questão, o que mais uma vez é expresso por esse informante no exemplo a seguir:

Exemplo 04:

Contexto: diálogo entre I 02 e I 04 sobre a colonização do Brasil.

I 04=Ma aquela parte do Acre pelo menos, ela não era habitável é...aí
o Brasil né, colonos brasileiros foram ocupando aquela área pra...aí
[‘**prõtu**], e facilitou né a questão do [acesso

I 02= [Foi um acordo...

I 04= [[Com a Bolívia...

I 02= [[Num foi?

I 04=Foi.

I 02=Foi um acordo que deu até origem ao nome ACRE né...era
comprado em acres na época

I 04=[[É

I 02=[[Num é uma unidade de medida né?

I 04=É, é...

(Gravado no dia 26 de junho de 2013)

No exemplo 04, o I 04 utiliza o *pronto* com o mesmo significado visto no exemplo anterior, porém, dessa vez o informante apresenta o item *aí*, também muito comum na oralidade, e apresentado por Souza (2012) como um elemento bastante presente no nível interpessoal, como um facilitador na comunicação entre os informantes. No diálogo acima (exemplo 04), o *aí* funciona como auxiliar do *pronto*,

intensificando a relação conclusiva de que a facilitação dos colonos ocuparem a área do Acre ocorreu devido à não-habitação da região.

Esse mesmo significado de *pronto* pôde ser observado no exemplo 05, cujo locutor se distingue do informante 04, tanto em relação à faixa etária (29 anos), quanto ao nível de escolaridade, tendo em vista que possui apenas o nível médio completo:

Exemplo 05:

Contexto: conversa entre I 09 e I 11 sobre ir em busca de emprego.

I 11: vou fazer um teste lá, eu vou falar com “d”...eu vou lá segunda-feira, eu num liguei pra ele não porque... eu falo “eu tô desempregado meu amigo, num quer me dá emprego?”...(ininteligível) é que o setor do “e” mudou aí eu vou falar com “d” lá no Sindicato dos bancário, sabe onde é o Sindicato dos bancário, S09?

I 09: ((balança a cabeça com gesto negativo))

I 11: sabe não? Num tem ali o calçadão? É aqui no/ num tem aquela esquina aqui?

I 09: ahã

I 11: aquela na frente que num tem a loja aqui? É aqui bem pertim do calçadão..tem o nome lá “Sindicato dos bancário”

I 09: sim/ é/ eu sei

I 11: sabe? [‘prõtʊ]...[‘prõtʊ] aí eu vejo “d” lá

(Gravado no dia 20 de julho de 2013)

Durante esse diálogo, I 11 utiliza o *pronto* duas vezes consecutivas, no entanto, é no segundo uso que percebemos o sentido conclusivo perifrástico, já que retoma o que I 11 havia falado anteriormente, ou seja, que irá ao Sindicato dos Bancários e, conseqüentemente, é nesse local que ele encontrará a pessoa com quem vai conversar sobre a proposta de emprego. Diferentemente, o primeiro *pronto* evidenciado em sua fala, nos mostra um outro significado, o de conclusão acerca de sua explicação sobre como chegar ao local. Essa conclusão pode ser estabelecida no momento em que I 09 afirma que sabe onde é o local mencionado.

Levando em consideração os estudos da Gramática Tradicional (GT), podemos classificar os sentidos do *pronto*, até agora vistos, como expletivos, uma vez que a GT defende que o *pronto* funciona como preenchedor de pausas, de maneira a enfatizar algo que foi dito, e que, conseqüentemente, seria dispensável na fala. Embora não desconsideremos o valor expletivo desse item, como podemos constatar, seus usos até

agora vistos e que ainda serão demonstrados a seguir, expressam sentidos muito mais específicos, e que, portanto, tornam esse item não dispensável no ato da fala.

O *pronto conclusivo* também pôde ser identificado no diálogo entre informantes do gênero feminino, de mesma faixa etária (14 anos), porém distinta da dos informantes dos exemplos anteriores, e de nível de escolaridade também distinto (ensino fundamental incompleto):

Exemplo 06:

Contexto: ensaio de I 10, I 15 e I 16 para gravar vídeo de trabalho do colégio.

I 10= é né...

I 15= num dá pra vê o pé dela não

I 16= sai da frente [[S10

I 15= [[num dá pra vê o chão não

I 10= [[tá o contrário, é bom tu girar ((a câmera))

I 15= ei, isso vai ficar esquisito...ó como é que vai ficar de [[cabeça

I 16= [[eu não to

conseguindo enxergar

I 15= [[ó, dá pra

vê tudo mas...

I 16= [**prõtu**]

I 10=[**PIÕTÕ**], vai S16

I 15= ei, vai mai ((rindo))dá pra vê ela não/ dá pra vê só os braços, S10

I 10= é: então [**prõtu**]

I 15= ah, tá [[bom

I 15= [[ei, baixa aí doido

I 16= bora mais pra cá

(Gravado no dia 15 de abril de 2013)

Durante esse diálogo, o *pronto* é utilizado pelos informantes 10 e 16, sendo que S10 utiliza o item para concluir que a câmera já está na direção adequada para gravar o ensaio e, mais adiante, utiliza o item para concluir que a gravação terá que ser feita sem que suas imagens sejam captadas pela câmera por completo, apenas seus braços, retomando o que foi afirmado por I 15. Já I 16, utiliza o *pronto* para reforçar o *pronto* de I 10, de maneira a concordar, com uma entonação mais alta, e ao mesmo tempo pedir que S16 inicie a gravação.

No exemplo 07, mais uma vez observamos o *pronto* com sentido conclusivo, falado por I 21:

Exemplo 07:

Contexto: Diálogo entre I 19, I 20 e I 21, sobre obras e filmes que abordam temas atuais

I 21: Vocês já viram é...”Ilha das flores” ? que é um curta

I 19: já

I 21: [‘**prõ**[tʊ]

I 20: [muito bom

I 21: lá ((na faculdade)) tem o curta no [[dvd

I 20: [[que legal

I 21: tem muita coisa boa...

(Gravado no dia 23 de maio de 2013)

I 21 conclui sua fala após I 19 ter respondido que já havia assistido ao curta-metragem “Ilha das flores”. Para concluir o seu turno, I 21 retoma sua fala com *pronto*, em seguida, complementando que na faculdade em que estuda tal curta está disponível para quem quiser ter acesso.

Esses primeiros usos identificados nos exemplos, e já estudados por Cristiano e Da Hora (2004), nos permitem compreender que, embora tendo significados distintos, são utilizados com valor positivo, de maneira que todos os informantes envolvidos nos diálogos parecem concordar com o que foi expresso através do uso do *pronto*. Além disso, podemos perceber uma ressemantização, uma vez que os significados identificados são diversos, no entanto, o primeiro uso de *pronto* identificado na língua portuguesa brasileira, na condição de adjetivo (o *pronto* com sentido de *acabado*, *finalizado*), embora não tenha sido identificado nos dados coletados, não foi arcaizado. Assim, tal como Gonçalves et al (2007) defendem, a forma-fonte principal de *pronto* e seus novos sentidos convivem em um mesmo recorte de tempo.

Outra prova disso é que os próprios usos até agora identificados, já estão presentes em conversas informais de paraibanos há certo tempo. Outros usos mais recentes e com outros significados, agora com valor negativo, serão apresentados a seguir.

O item *pronto* é apresentado em um contexto ainda mais distinto, quando comparado aos anteriores, haja vista que acentua a indignação de quem fala em relação a algo que foi dito. O exemplo 08 ilustra essa situação:

Exemplo 08:

Contexto: os informantes I 09 e I 10, em horário de lanche, dividem uma laranja.

I 10 eu só faço isso

I 09 aí tu divide visse...divide aí peu

I 10 eu meti o dedo numa..eu fico com essa

I 09 aí depois tu traz um copo d'água pra mim visse

I 10 [**prõ:::tu**], e eu sou tua escrava é?

I 09 ((risos))

(Gravado no dia 13 de maio de 2013)

É relevante observarmos que a entonação colabora para o significado do *pronto*, uma vez que I 10 faz um extenso alongamento da vogal /õ/, colaborando para a ênfase da indignação que teve quando I 09 lhe pede que faça duas ações: dividir a laranja e ainda levar um copo d'água para ele, de modo a parecer uma ordem, uma obrigação, tanto que I 10 se denomina nessa situação de *escrava*, expressão ligada ao contexto histórico brasileiro da escravatura, designando as pessoas que serviam aos seus senhores, de modo obrigatório.

Para ilustrarmos a acentuação do *pronto* vista nesse exemplo e ao mesmo tempo observarmos a diferença dessa acentuação quando comparada aos exemplos anteriores, observemos os gráficos 01 e 02, a seguir:

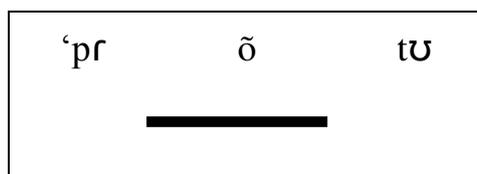


Gráfico 01: Pronúncia linear da vogal /õ/

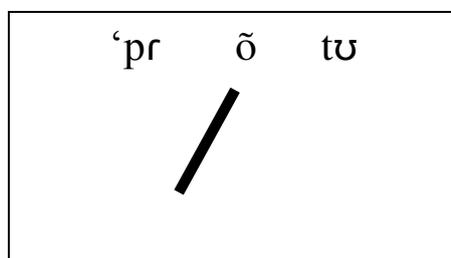


Gráfico 02: Pronúncia ascendente da vogal /õ/

O gráfico 01 retoma a entonação do *pronto* dos exemplos 01, 02, 03, 04, 05 e 06, tendo em vista que os informantes desses exemplos não acentuaram a vogal /õ/ durante

a pronúncia do item *pronto*, sendo falado, portanto, de maneira linear, sem nenhuma elevação. Diferentemente, no exemplo 08, observamos que I 10 pronuncia o /õ/ de forma ascendente, como podemos visualizar no gráfico 02. Essa entonação colabora para a mudança de sentido do *pronto*, agora significando indignação. A entonação, que é uma estratégia dos usuários para expressar diversos significados, será vista constantemente nos exemplos posteriores.

No exemplo 08, destacamos também, as características dos informantes, como suas faixas etárias (I 09 tem 14 anos; I 10 tem 20 anos), evidenciando que esse uso faz parte dos diálogos entre jovens. Esse exemplo também nos mostra a utilização de *pronto* em diferentes níveis de escolaridade desses informantes (I 09 possui nível superior incompleto; I 10 possui nível fundamental incompleto).

Como podemos observar, tomando como base as discussões de Neves (2002), no processo de gramaticalização do item *pronto*, faz-se relevante considerar a função como condutor de reflexão, uma vez que nos possibilita compreender que seus diferentes sentidos vistos nos enunciados estão em conformidade com a eficiência comunicativa entre os usuários da língua portuguesa. Essa conformidade será vista nos demais usos, a seguir.

Com uma entonação ainda acentuada, embora de menor extensão em relação ao exemplo anterior, o *pronto* colabora para marcar a discordância por parte de I 01 em relação ao que I 09 disse:

Exemplo 09:

Contexto: conversa entre I 01, I 09 e I 10 sobre o horário que I 10 está acordando.

I 10: mermo quando eu vou dormir cedo eu fico na cama

I 09: Sim, mas você tá se acordando muito tarde [[S10

I 10: [[Sim, o problema né
me/ o problema é meu

I 09: eita::

I 10: não, é porque é assim mãe, eu não consigo me acordar

I 09: Mãe, bota as meninas pra se acordar bem cedo agora

I 01: [**prõ::tU**]... elas se acordam nesse horário e não tem problema nenhum...

I 09, fica bem com a blusa preta? ((escolhendo roupa para se vestir))

(Gravado no dia 20 de maio de 2013)

Consideremos o gráfico 03, para ilustrar a acentuação vista nesse exemplo:

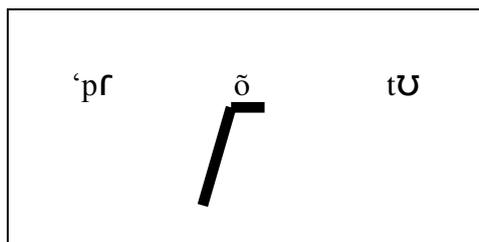


Gráfico 03: Pronúncia ascendente linear da vogal /õ/

O breve alongamento da vogal /õ/, como podemos observar no gráfico 03, colabora para reforçar a discordância manifestada por I 01, ao mesmo tempo em que tem a função do *não*, que na oralidade está sendo pouco utilizado em detrimento desse novo uso do *pronto*.

Quando comparado ao exemplo 08, percebemos também de modo mais expressivo que esse item está sendo utilizado em faixas etárias distintas, uma vez que no exemplo 08 o informante que o pronuncia tem 14 anos, já no exemplo 09, I 01 está em uma faixa etária maior (45 anos). Esse mesmo informante já havia utilizado, em outros contextos, o *pronto impositivo*.

Enfatizando mais ainda a abrangência do *pronto* indicando indignação e discordância em relação às diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade e gênero, vemos o exemplo 10:

Exemplo 10:

Contexto: Conversa entre I 17 e I 18 sobre valor pago em serviço enquanto consertam um guarda-roupa.

I 17: O caba teve que ajeitar um monte de coisa dento da casa da mulé, aí a mulé veio com dez conto pa da pa ele.

I 18: [Mal 'prõtʊ], eu cobrava mais no serviço, o caba num co-bra num devia ter cobrado antes logo? Aí vem só com dez conto,

['prõ::tʊ].

I 17: E eu num disse a ele...

(Gravado no dia 03 de maio de 2013)

I 18 se contrapõe em relação aos demais informantes, considerando sua faixa etária (30 anos) e nível de escolaridade, já que possui apenas o ensino fundamental completo. Esse informante utiliza o *pronto* de duas formas: a primeira para dar destaque à negação em relação ao valor que cobraria pelo serviço, refutando o parco

valor que pagaram a um conhecido deles; e a segunda demonstrando indignação. Diferentemente do *pronto* de discordância já visto no exemplo 09, nesse caso, o informante utiliza o *mas (mai)* como um auxiliar reforçador da negação e, portanto, a não há acentuação da vogal nasalizada /õ/, tal como ilustramos no gráfico 01. A segunda forma demonstra o *pronto* de indignação, também marcado pelo alongamento da vogal õ (ver gráfico 03). Quer dizer, em uma mesma sentença, o I18 utilizou o *pronto* duas vezes, para, ao mesmo tempo em que discordar, demonstrar repulsa à informação dada por I17.

Encontramos mais uma vez o uso do *mas (mai)* em um diálogo envolvendo informantes de nível superior incompleto e de gêneros masculino e feminino:

Exemplo 11:

Contexto: diálogo entre I 09, I 19, I 22 e I 24 sobre as atividades da Universidade.

I 24: Eita, e tem que entregar o....RELATO até o fim do mês né?

I 22: [**MaI** ‘**prõtũ**], agora isso..eu vou entregar quando der...até parece que num tem outras disciplinas pra gente dá conta!

I 09: É:...complicado...podia ter sido dividido melhor o cronograma

I 19: Né isso!

(Gravado no dia 10 de julho de 2013)

O item *pronto*, visto no exemplo 11, retoma a outra ocorrência em que também observamos o uso do *mas* acompanhado (exemplo 10) como intensificador da discordância do I22 em relação ao prazo de entrega dos relatos determinados por um provável professor.

Obtivemos outras ocasiões em que o *pronto* aparece posposto a outro termo com objetivo de reforçar a expressividade linguística: *agora pronto* e *oxe pronto*:

Exemplo 12:

Contexto: diálogo entre I 02, I 12, I 13, sobre o jantar .

I 02: Nam mãe, meu amigo, a senhora só sabe fazer de frango é ((linguiça))? Sabe revezar mais não? Eu gosto é ((da linguiça))de boi...

I 13: [**a** ‘**gɔrɐ**] [**‘prõtũ**], eu fico querendo agradar um e outro aí dá nisso..teu irmão quer de frango, aí o outro de boi, eu fico no tiroiteio, agonia danada!

I 12: [**‘oʃI** ‘**prõtũ**], come isso aí logo “boy”, deixa de reclamar da vida!

I 02: Tô reclamando não. Se fosse de boi tu ia ficar muendo também.
TU SÓ QUER o que quer!
I 13: Ei, bora parar com isso né..NÉ MOMENTO não!

(Gravado no dia 13 de julho)

Esse diálogo se realiza entre informantes do gênero feminino e do gênero masculino. I 12 e I 13, que utilizaram o *pronto* em seus turnos, possuem nível superior, ao passo que seu interlocutor (I 02), que possui nível fundamental e de faixa etária mais avançada (43 anos) em relação aos outros dois (22 e 27 anos), parece compreender completamente o caráter intensificador refutador favorecido pelo uso do *pronto*, é tanto que I 13 pede para que I 02 e I 12 parem com a discussão.

Os itens *agora* e *oxe* (expressão típica do Nordeste que pode indicar surpresa, indignação ou discordância) parecem ser utilizados como expressões que possibilitam a acentuação do sentido, em substituição ao alongamento da vogal nasalizada /õ/ do item *pronto*. Portanto, o *pronto* é pronunciado de modo linear, tal como havíamos demonstrado no gráfico 01.

Para uma melhor visualização dos diferentes usos e sentidos do item *pronto*, levando em consideração o alongamento da vogal /õ/ e o uso de outras marcas linguísticas como auxiliares, observemos o quadro 01, a seguir:

Quadro 01: Sentidos de *pronto* identificados através da entonação da vogal /õ/

Sentidos	Vogal /õ/ linear	Vogal /õ/ ascendente linear	Vogal /õ/ ascendente
Pronto impositivo	X		
Pronto explicativo	X		
Pronto conclusivo perifrástico	X		
Pronto conclusivo	X		
Pronto de concordância	X		
Pronto de indignação			X
Pronto de Discordância		X	X
Pronto de indignação (acompanhado de outras marcas linguísticas)	X		
Pronto de discordância (acompanhado de outras marcas linguísticas)	X		

Os resultados dessa amostragem nos chamam a atenção para o fato de como a entonação na oralidade pode atribuir sentidos diferentes à expressão. Nessa perspectiva, quanto mais o usuário acentua a vogal /õ/, presente no item *pronto*, mais expressará a sua indignação ou discordância em relação a algo que foi dito pelo interlocutor, exceto quando o *pronto* vem acompanhado de alguma marca linguística, que substitui a acentuação.

Outro aspecto que nos chama atenção é o fato de que através desses dados analisados, podemos perceber que os usuários da língua portuguesa, da cidade de Campina Grande, estão utilizando o *pronto* nos diversos contextos explanados, independentemente de gênero, nível de escolaridade e faixa-etária.

Esses resultados nos possibilitam reafirmar, conforme Neves (2002) discute, que na língua não há uma gramática fixa, mas sim constante gramaticalização, assim como veremos nas ocorrências do item *bora*. Além disso, retomando o que Martelotta (2011) explicita, percebemos que os usos mais recentes do *pronto* funcionam como marcadores discursivos e se diferem dos processos mais “comuns” de gramaticalização, tendo em

vista que não possuem propriamente uma função gramatical, pois são sintaticamente independentes por meio de certas inferências que lhe são propiciadas.

3.2. Usos e sentidos do item (*em*)*bora*

No conjunto de dados gravados que coletamos, foram identificadas oito (08) ocorrências do item *bora*, pronunciado em contextos e sentidos diversos, denotando imposição, chamamento e outros, como veremos a seguir.

O exemplo 13 ilustra uma situação em que o item (*em*)*bora* é evidenciado na fala de I13 como um marcador de imposição:

Exemplo 13:

Contexto: diálogo entre I 02, I 12, I 13, sobre o jantar.

I 02: Nam mãe, meu amigo, a senhora só sabe fazer de frango é ((linguiça))? Sabe revezar mais não? Eu gosto é ((da linguiça))de boi...

I 13: Agora pronto, eu fico querendo agradar um e outro aí dá nisso..teu irmão quer de frango, aí o outro de boi, eu fico no tiroteio, agonia danada!

I 12: Oxe pronto, come isso aí logo “boy”, deixa de reclamar da vida!

I 02: Tô reclamando não. Se fosse de boi tu ia ficar muendo também. TU SÓ QUER o que quer!

I 13: Ei, [‘**bɔrɔ**] parar com isso né..NÉ MOMENTO não!

(Gravado no dia 13 de julho)

O item *bora* é apresentado na fala de I 13 para impor a I 02 e I 12 que parem de discutir em um momento considerado por ela inadequado, isto é, no momento de refeição. Nessa perspectiva, quando I 13 diz *bora parar com isso né*, podemos perceber que o item em questão é utilizado junto ao verbo no infinitivo *parar* como uma maneira de atenuar uma imposição, que ficaria mais evidente se o interlocutor utilizasse apenas o verbo *parar* no imperativo: *parem com isso*. Logo, podemos identificar um processo de mudança linguística da seguinte maneira: *parem com isso* > *vamos parar com isso* > *bora parar com isso*. Isto é, o modo de expressar a imposição foi gradativamente sendo substituído por expressões mais eufêmicas e o verbo *ir* foi substituído pelo item *bora*, proveniente do *embora*.

É relevante destacarmos a perda de material fonético que o item *embora* sofreu da vogal /ẽ/, representada na escrita por *em*, para que se gerasse o termo *bora*. Esse fenômeno retoma o que já havia sido discutido por Said Ali (1971), tendo em vista que

o autor nos chama atenção para o fato de que o item *embora* se originou da expressão *em boa hora* e, gradativamente, foi passando por um processo de erosão fonética.

Portanto, ao que podemos observar, o item *bora* é mais uma decorrência desse contínuo processo de erosão fonética e, em razão disso, seus usos e significados foram se abrangendo, é o que Martelotta (2010) denomina de mecanismo de extensão, comprovado nos demais exemplos que se seguem:

Exemplo 14:

Contexto: diálogo entre I 11 e I 13 sobre os assaltos que ocorreram nos mercadinhos na rua onde moram.

I 13: ele botou o revólver na cabeça dele e mandou a mulher ir buscar
I 11: sim, mai...”c” me disse que teve ôto que ele/ que ele o cara disse
“me dê o dinheiro , tire do seu bolso” que tinha no bolso sabe...aí teve
uma hora que ele, meu amigo, foi dando de uma e uma nota aí o cara
[‘bɔ::fə] meu amigo, mê dê o BOLO todo logo que e-u- se não eu
ATIRO” aí o cara deu o bolo todo aí o cara pegou o bolo, diga aí, e foi
embora...

(Gravado no dia 24 de julho de 2013)

No exemplo 14, I 11, em conversa com I 13, relata uma situação presenciada por ele de assalto em um mercadinho, reproduzindo, numa citação direta, o enunciado do assaltante. No enunciado, podemos observar que o assaltante fala *bora* com o intuito de apressar sua vítima a entregar o *bolo de dinheiro* do bolso, logo, a entonação e a acentuação da vogal /ɔ/ colaboram para gerar esse sentido. Para melhor ilustrarmos essa acentuação, observemos os gráficos 04 e 05, a seguir:

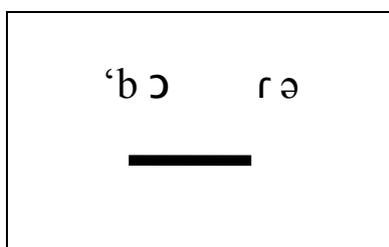


Gráfico 04: Acentuação linear da vogal /ɔ/

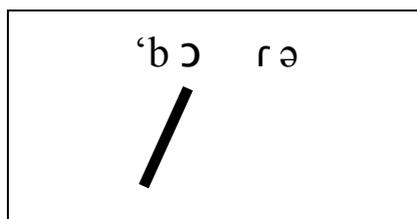


Gráfico 05: Acentuação ascendente da vogal / ɔ /

O gráfico 04 demonstra a linearidade da pronúncia da vogal / ɔ / vista no exemplo 13 e, posteriormente, em outros exemplos. Essa linearidade pode ocorrer porque, como já havíamos discutido, para o falante o próprio verbo *parar* usado no imperativo demonstra imposição, sem atenuação que podemos inferir no uso *bora parar*, suavizada por esse pseudoconvite já possui uma carga forte, demonstrando um pouco de autoritarismo e, conseqüentemente, a entonação da vogal / ɔ / se torna desnecessária. Diferentemente, o gráfico 05 demonstra a entonação ascendente de *bora* vista no exemplo 14, cuja acentuação da vogal / ɔ / se torna necessária, considerando o seu contexto de uso, isto é, foi uma maneira de o assaltante apressar e pressionar sua vítima em uma situação de tensão.

Dessa maneira, retomamos o mecanismo de extensão discutido por Martellota (2010), já que como o contexto em que o item *bora* pronunciado pelo I 11, no exemplo 14, é diferente do contexto em que esse mesmo item é utilizado por I 13, no exemplo 13. Essa abrangência de contextos também é verificada pela mudança de acentuação da vogal / ɔ /, tal como já foi destacado.

Em se tratando das características dos informantes, percebemos que tanto no exemplo 14, quanto no exemplo 13, os informantes que usam o *bora* em seus turnos são de faixa etária, gênero e níveis de escolaridade distintos: I 11 é do gênero masculino, tem 34 anos e possui ensino médio completo; I 13 é do gênero feminino, tem 43 anos e possui ensino fundamental completo. Isso evidencia que o item em questão está sendo utilizado pelos usuários da língua, independentemente desses fatores biossociais.

O exemplo 15 reforça essa realização, uma vez que o informante que fala *bora* (I16) tem 14 anos e possui nível fundamental incompleto:

Exemplo 15:

Contexto: diálogo entre I 10, I 15 e I 16 sobre a apresentação do colégio na disciplina de física.

I 10= tu faz assim ó, aqui tem num toTAL, trezentos e qua[[

I 15= [[não ela
pega o livro assim né S10?

I 16= tá BOM! (apressada)[‘bɔ:rə]...ou S10 [vai ti ‘bɔ:rə]...(risos)

(Gravado no dia 12 de maio de 2013)

I16 fala *bora* em dois contextos distintos: o primeiro com o mesmo significado visto no exemplo 14 (de apressamento) e o segundo para pedir que I 10 saia de perto. Dessa maneira, assim como I 13, I 16 ao falar *bora*, pronuncia a vogal / ɔ / de maneira ascendente-linear, com o intuito de expressar o apressamento do ensaio do trabalho. Visualizemos essa acentuação no gráfico 06:

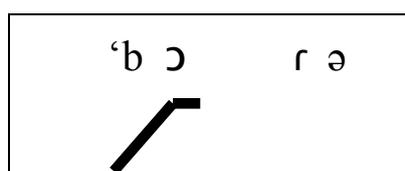


Gráfico 06: Acentuação ascendente linear da vogal /o/

A acentuação ascendente linear da vogal / ɔ /, como podemos observar no gráfico 06, enfatiza a vontade de I 16 de continuar o ensaio do trabalho do colégio, da disciplina de física. Diferentemente do segundo momento, em que I 16 podemos perceber que houve o mecanismo de erosão fonética, considerando que a expressão *vaitimbora*, provém de *vai-te embora*, atualmente pouco utilizado e, possivelmente, devido ao uso do auxiliar *vai*, I 16 pronuncia o *bora* de maneira linear (ver gráfico 04).

No português brasileiro, o uso do pronome oblíquo enclítico é mínimo ou pouco recorrente. Em casos como o visto no exemplo 15, não utilizamos o pronome antes do verbo *ir* no imperativo, haja vista que nos causa um estranhamento. Ao invés disso, falamos *vá embora* ou juntamos o pronome *te* ao *embora*, tal como I 16 faz e que é utilizado mais comumente. Considerando que ambas as palavras são finalizadas com a vogal /i/, fazemos o processo denominado de crase, isto é, uma modificação do item através da fusão dessas duas vogais em apenas uma: *vai-te embora* > *vai-ti imbora* > *vai*

tiimbora>vaitimbora. Por causa da crase o *te* passa a constituir a primeira sílaba do *embora*.

Esse mecanismo é visto mais uma vez no exemplo 16:

Exemplo 16:

Contexto: diálogo entre I 06, I 07 e I 08 durante Jogo de avatar no computador.

I 06= I07 deveria ir hoje (para o shopping)

I 07= Deveria eu deveria...deveria

I 08=[**ˈbɔrə**], I 07!

I 07=Vou nada ((rindo))

I 08= (ininteligível)

I 07= tá vendo o som que tá aí logo atrás de tu? Pronto, não, não é esse, mas eu tenho um parecido com esse...

I 08= eu vou [mi **ˈbɔrə**] (sair do joguinho)

(Gravado no dia 21 de abril de 2013)

No exemplo 16, I08 faz uso do item *bora* em dois de seus turnos. No primeiro turno, o *bora* adquire um significado de convite, chamamento, uma vez que I 08 chama I 07 para ir ao shopping, ao passo que I 07 nega o convite em risos.

Vale salientar que o primeiro significado do exemplo 16 se opõe totalmente ao visto no exemplo 15, em que I 16 não *chama*, mas *expulsa* I 10. Esse último significado (o de expulsão) é expresso todas as vezes em que o usuário da língua utiliza o verbo duas vezes consecutivas, ou seja, quando dizemos *vai timbora* ou *borimbora* expressamos o sentido do verbo *sair*, ao passo que o uso do *bora* sem um auxiliar, se estiver no mesmo contexto visto no exemplo 16, expressa o sentido do verbo *ir*, como se disséssemos *vamos*.

O segundo uso do *bora*, visto na fala *vou mimbora*, de I 08, nos mostra mais uma ocorrência do mecanismo denominado de crase, pois, como foi ilustrado no exemplo 15, é feita a junção da vogal *i*: *vou-me embora>voumi imbora> vou miimbora> vou mimbora*, já que não costumamos utilizar o pronome oblíquo após o verbo *ir*, na posição enclítica. O significado desse uso está relacionado ao verbo *sair*, no caso de S08, ele vai sair do jogo da internet.

Vejamos, no exemplo 17, mais uma ocorrência do item *bora* com sentido de *chamamento*:

Exemplo 17:

Contexto: ensaio de I 10, I 15 e I 16 para gravar vídeo de trabalho do colégio.

I 10= é né...

I 15= num dá pra vê o pé dela não

S16= sai da frente [[S10

I 15= [[num dá pra vê o chão não

I 10= [[tá o contrário, é bom tu girar ((a câmera))

I 15= ei, isso vai ficar esquisito...ó como é que vai ficar de [[cabeça

I 16= [[eu não to

conseguindo enxergar

I 15= [[ó, dá pra

vê tudo mas...

I 16= pronto

I 10=PRONTO, vai S16

I 15= ei, vai mai ((rindo))dá pra vê ela não/ dá pra vê só os braço, S10

I 10= é: então pronto

I 15= ah, tá [[bom

I 15= [[ei, baixa aí doido

I 16= [‘bɔrɐ] mais pra cá

(Gravado no dia 15 de abril de 2013)

No exemplo 17, o *bora*, assim como vimos na fala de I08, no exemplo 16, adquire o sentido de *chamamento*, haja vista que I 16 chama I 10 e I 15 para outro lado do ambiente em que se encontravam, para que a câmera as foque melhor.

Diferentemente, no último exemplo, a seguir (exemplo 18), o item *bora* adquire outro sentido, uma vez que em uma de suas ocorrências, o simples fato de I 09 dizer *bora* implica no entendimento por parte de I 10, de que deve devolver o notebook a I 09:

Exemplo 18:

Contexto: I 09 está navegando na internet, no notebook de I 10.

Depois de 1 minuto e 20 segundos

I 09= tá bom, acabou [‘bɔrɐ] (pedindo para I 10 sair da internet)

I 10= peraí...

I 09= passa... I 10 eu tenho que fazer OUTRAS coisas...já já vai começar o filme que a gente vai assistir [‘bɔ::rɐ] lo::go me dá...

I 10= pro:nto, I 09, sai...

I 09= eu mereço viu...

(Gravado no dia 16 de abril de 2013)

Através do processo de inferência, podemos entender que I 09, ao dizer *tá bom, acabou bora*, expressa, na verdade, *basta, me devolva o notebook*, o que nos permite identificar que ao mesmo tempo em que o *bora* serve de imposição, ele serve para apressar I 10. Já na segunda ocasião em que I 09 fala *bora*, percebemos o sentido já evidenciado nos exemplos 14 e 15, tendo em vista que o item é utilizado para expressar rapidez.

Para uma melhor visualização dos diferentes usos e sentidos do item *bora*, levando em consideração o alongamento da vogal o e o uso de verbo auxiliar, observemos o quadro 02, a seguir:

Quadro 02: Sentidos de *bora* identificados através da entonação da vogal /ɔ/

Significados	Vogal / ɔ / linear	Vogal / ɔ / ascendente linear	Vogal / ɔ / ascendente
Bora de imposição	X		
Bora de apressamento		X	X
Bora de imposição e apressamento		X	
Bora de chamamento ou convite	X		
Bora indicando que vai sair ou expulsão (acompanhado de outras marcas linguísticas)	X		

Esses usos e significados do item *bora* nos demonstram o processo de gramaticalização, uma vez que seus usos estão cada vez mais abstratos, e em sua maioria, são utilizados com a função de verbos, mais especificamente, do verbo *ir*. Assim, podemos dizer que houve uma decategorização, tendo em vista que a expressão originária *em boa hora*, que aos poucos foi sendo arcaizada e se transformando na conjunção *embora*, atualmente adquire sentidos completamente distintos, ainda que o *embora* não tenha desaparecido da nossa língua.

Outro aspecto que nos chama atenção é a entonação da vogal / ɔ /, que assim como vimos no item *pronto* é um fator determinante do significado do *bora*, como também o uso do auxiliar, que nesse caso é a repetição da própria palavra, cuja

utilização implica em contextos até opositivos quando comparados aos contextos em que o *bora* aparece sozinho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados discutidos acerca dos dados coletados, podemos concluir que os itens linguísticos *pronto* e *bora* estão sendo inseridos em conversas informais independentemente de fatores biossociais relacionados aos falantes do português brasileiro que constituem a nossa amostra. Esses fatores (faixa etária e nível de escolaridade) nos possibilitaram compreender que o *pronto* e o *bora* são exemplos que demonstram a língua em uso como variedade não-estigmatizada na sociedade, uma vez que esses termos são recorrentes nos diversos contextos explanados, não diferenciando seus usuários.

Os usos e sentidos desses dois itens foram diversos, denotando tanto um valor positivo, no caso de *pronto*, demonstrando concordância com o que é dito por um dos interlocutores da situação comunicativa, quanto com um valor negativo, em que o mesmo item passa a ser utilizado em contextos em que o interlocutor demonstra indignação ou discordância em relação a algo dito na conversa. Da mesma maneira, vimos no uso do *bora* a ocorrência de valores opostos: positivo quando o interlocutor concorda com um convite do outro informante da conversa, ou negativo em situações em que o interlocutor denota pressa ou impaciência.

Percebemos a relevância da entonação nos casos em que os informantes expressavam um valor negativo, a partir da elevação da vogal tônica, exceto no caso em que o uso de um outro marcador linguístico como acompanhante do item servia como intensificador, substituindo, assim, a ênfase na vogal tônica desses termos.

Levando em consideração que a entonação influencia na mudança de sentido tanto do item *pronto*, quanto do *bora*, se fôssemos classificar esses usos mais recentes morfologicamente, consideraríamos como sendo uma interjeição ou locução interjetiva (quando acompanhada de outras marcas linguísticas), pois, de alguma maneira são expressões que traduzem algum estado emotivo de quem as fala, podendo indicar chamamentos, exclamações, interrogações, imposições.

Também, quando comparada às demais categorias gramaticais possuem uma certa autonomia (palavras ou expressões que por si só podem ser colocadas em termos de uma sentença) e são expressas com um tom de voz especial, ascendente ou descendente, de acordo com o sentido que se quer expressar. No entanto, vale salientar que, diferentemente das interjeições já conhecidas por nós, os tons ascendente e

descendente dos itens *pronto* e *bora*, que verificamos, são muito mais complexos e difíceis de serem apresentados ortograficamente, o que nos levou a transcrevê-los foneticamente no interior da transcrição da conversação.

Embora haja essa dificuldade, não devemos ignorar os aspectos de entonação desses itens, o que é muito comum nas gramáticas tradicionais, haja vista que são de suma importância para que compreendamos os fenômenos de mudança linguística que nós, falantes da língua portuguesa brasileira, estamos gradativamente criando com o objetivo de realizar nossas atividades comunicativas. Além disso, é possível que essas novas expressões já presentes na oralidade sejam incorporadas à escrita, e daqui a alguns anos, possam estar presentes nas gramáticas da língua portuguesa brasileira, pois, como vimos ao longo desse trabalho, vários usos de itens linguísticos que antes eram apenas da oralidade, atualmente estão na escrita, além de terem sido incorporados às categorias gramaticais.

REFERÊNCIAS

- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, Reinhart & Winston, 1933.
- BRAGA, M. L.; PAIVA, M. C. Do advérbio ao clítico é isso aí. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 206-212.
- BRINTON, Laurel J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University, 2005.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEZARIO et al. *Funcionalismo Linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHOMSKY, M. *Reflexões sobre a linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- CHRISTIANO, M. E. A.; HORA, D. da. O item linguístico pronto: entre a gramaticalização e a discursivização. In: CRISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; HORA, D. da. *Funcionalismo e Gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004.
- CRYSTAL, D. *A revolução da linguagem*. Tradução: Ricardo Quintana; consultoria, Yonne Leite. Rio de Janeiro: Jorge Zachar Ed. 2005.
- DIONISIO, A. P. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 69-76.
- FIORIN, J. L. *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 11-24.
- GIVÓN, T. *A compreensão da gramática*. São Paulo: Cortez; Natal, Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2012.
- _____. *On understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GONÇALVES et al. (org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.
- GÜNTHER, H. *Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?* In: Revista Psicologia: teoria e pesquisa, v. 22, n. 02, mai/agos., Brasília, UNB, 2006.
- HOPPER, P. TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HORA, D. da (org.). *Funcionalismo e Gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004.
- LABOV, W. O estudo da língua em seu contexto social. In: *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTELOTTA, M. E. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

- MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M. M. (org). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 1996.
- NEVES, M. H. M. As construções concessivas. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado: novos estudos*. v. VII. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999. p. 545
- NEVES, M. H. de M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: UNESP, 2002.
- OMENA, N. P. de; BRAGA, M. L. A gente está se gramaticalizando?. In: MACEDO, A. T. de; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (org.). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 75- 83.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.
- SANTAELLA, L. *Comunicação e Pesquisa*. São Paulo: Hacker editores, 2001.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- SILVA, C. R. Iconicidade no uso do conector mas: uma abordagem funcionalista em textos jornalísticos. In: HORA, D. da (org). *Funcionalismo e Gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004, p. 65-94.
- SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2005.
- SOUZA, E. R. de. Um estudo discursivo-funcional de assim, já e aí no português falado do noroeste paulista. In: CEZARIO et al. *Funcionalismo Linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012.
- VITRAL e COELHO (org.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados (as) senhores (as):

Este é um termo de consentimento para que os senhores (as) aceitem participar da pesquisa **Usos de *pronto* e (em)bora em conversas informais: um estudo descritivo de gramaticalização**, desenvolvida por AYMMÉE SILVEIRA SANTOS, aluna do Curso de graduação em Letras (língua portuguesa) da Universidade Federal de Campina Grande, sob a orientação da Prof^a Dr^a MARIA AUXILIADORA BEZERRA.

O objetivo geral da pesquisa é analisar o processo de gramaticalização dos itens linguísticos *pronto* e (em)bora nos seus diferentes usos em conversas informais. Sua participação constará da permissão de gravações de conversas suas em situações informais. A utilização das transcrições das falas gravadas na pesquisa não terão quaisquer funções discriminatórias ou desrespeitosas.

Esclarecemos que a participação nesse estudo é voluntária, e que, portanto, os (as) senhores (as) não são obrigados a colaborar com esse estudo, podendo decidir não participar ou desistir de continuar em qualquer momento.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-los(as).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Esperamos contar com seu apoio e desde já agradecemos sua colaboração. Caso necessitem de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com a pesquisadora AYMMÉE SILVEIRA SANTOS, no endereço Rua Flávio Antônio Agra Ramos, 77, Cruzeiro. Campina Grande- PB, CEP 58415520, ligar para o telefone (83) 33361536 ou enviar e-mail para aymmeesst@gmail.com.

AUTORIZAÇÃO

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados:

Maldair P. Santos
Aldair Pereira Porto dos Santos

Aluska Christina Ferreira
Aluska Christina Ferreira

Ana Beatriz Rodrigues
Ana Beatriz Rodrigues

Andhora Silveira Santos
Andhora Silveira Santos

Antares Silveira Santos
Antares Silveira Santos

ANTÔNIO CARLOS MACIEL
Antônio Carlos Maciel

Arianna Silveira Santos
Arianna Silveira Santos

Arthur da Silva Crispim
Arthur da Silva Crispim

Aymmée Silveira Santos
Aymmée Silveira Santos

Carine Emanuel de A. Araujo
Carine Emanuel de Araujo Farias

Evandro Pontes Cordeiro
Evandro Pontes Cordeiro

Fabiano Pereira Cordeiro
Fabiano Pereira Cordeiro

Jose Cristina Soares de Lacerda
Jose Cristina Soares de Lacerda

Juliana Ramos do Nascimento
Juliana Ramos do Nascimento

Larissa Diniz
Larissa Diniz

Luan Pereira Cordeiro
Luan Pereira Cordeiro

Luana Gabriela Luna de Moraes
Luana Gabriela Luna de Moraes

Marcela de Melo Cordeiro Eulálio
Marcela de Melo Cordeiro Eulálio

Maria Auxiliadora S. Santos
Maria Auxiliadora Silveira Santos

Maria José Pereira Cordeiro
Maria José Pereira Cordeiro

Moisés Roberto de Araujo Mota
Moisés Roberto de Araujo Mota

Pedro Gustavo Maciel
Pedro Gustavo Maciel

Raquel Vale Gomes
Raquel Vale Gomes

Renato de Sousa Silva
Renato de Sousa Silva

Atenciosamente,

Aymmée Silveira Santos
Aymmée Silveira Santos
(Pesquisadora responsável)